N.º 21 ★ 24-5-51
Cr$ 3,00
em todo o Brasil

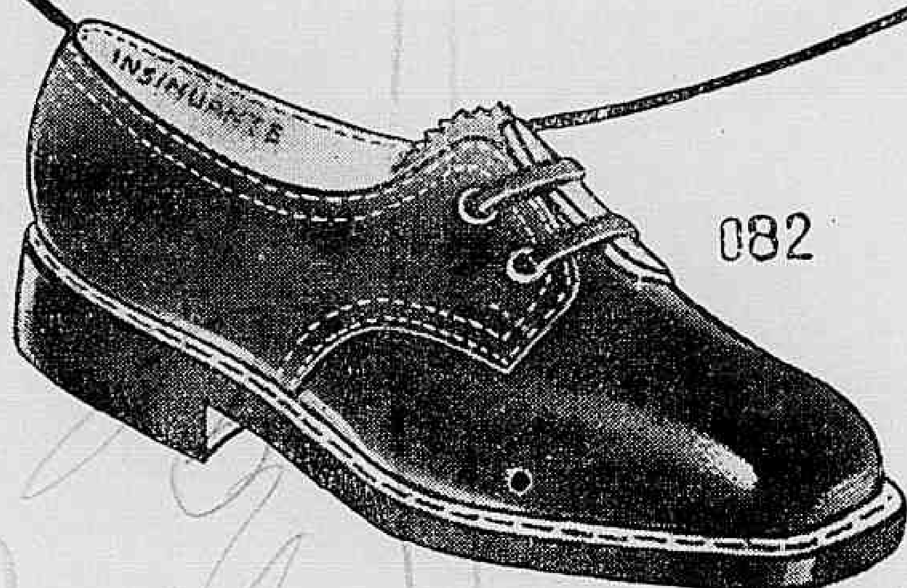
A CENA muda

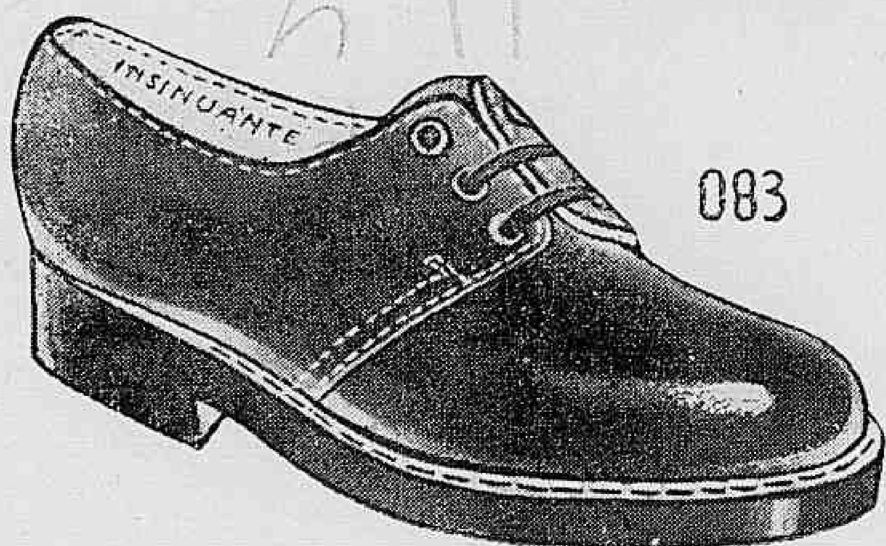
CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES

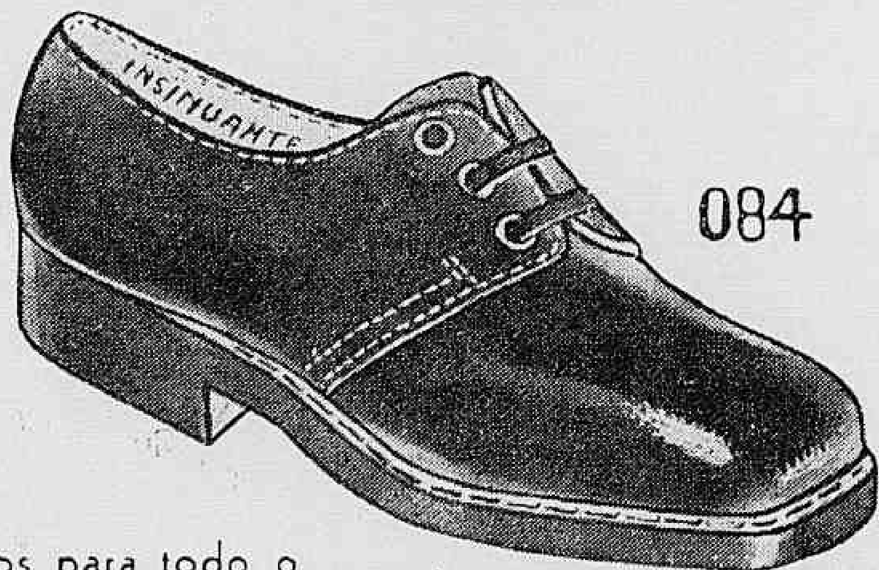


Mande os seus filhos á ESCOLA!









082 — Cr$ 145,00. Ótimo sapato tipo normalista com saltos de borracha e cordonetes de couro. Numeração de 31 a 40.

083 — Cr$ 90,00, Cr$ 100,00 e Cr$ 135,00, respectivamente de 28 a 32 — 32 a 36 — 37 a 41. Resistente sapato para meninos, rapazes e homens em ótima vaqueta com chapas na biqueira.

084 — Cr$ 90,00, Cr$ 100,00 e Cr$ 120,00, respectivamente de 28 a 32 — 33 a 36 — 37 a 40. Um sapato 100 % escolar com chapas na biqueira. Forte e resistente.

Cada par de sapatos tem uma surpreza para os seus filhos.

Remetemos para todo o Brasil. Porte Cr$ 5,00 (cinco cruzeiros) Não fazemos reembolso

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.



ARTE E IMORALIDADE

Há um certo descontrôle, por parte da Censura, na classificação dos filmes exibidos em nossas telas. Ou por ignorância, incompetência ou incapacidade de analisar o verdadeiro conteúdo e o verdadeiro sentido das obras projetadas, a verdade é que muita injustiça se vem cometendo, acarretando uma corrente de falso puritanismo que combate, sem distinção de qualidade, os filmes classificados com a rubrica de "impróprio para menores de 18 anos". Filme há, por isso mesmo, que são exibidos abertamente, jogados na cara de um público por demais coerente, como o é o brasileiro, que são verdadeiros atentados ao pudor, cujos diálogos, de baixo padrão moral, são repletos de piadas obcenas, a exemplo de certas comédias cujo falso humorismo reside nas piadas de duplo sentido. Consequentemente, as películas de real valor, com sentido social e com elevado nível moral, apesar das interpretações em contrário, são prejudicadas quando em confronto com essas outras — pois, sujeitas que estão ao mesmo critério de seleção e classificação, envolvem-se, automàticamente, no rol das películas "condenadas". Seria preciso, portanto, maior observação e maior interêsse por parte da Censura na classificação dos filmes, interditando por completo certas películas de baixa categoria, com objetivos estritamente sensacionalistas, onde, explorando o sensualismo barato, enchem os seus cofres à custa de platéias cuja única atração é a "impropriedade" das mesmas, pois estão certos de que verão figuras femininas semi-nuas, conversando num palavreado frouxo e descontrolado que, ingênuamente, recebem o nome de realismo. E o "realismo" não reside, absolutamente, na liberdade visual, senão na exposição habilidosa de certas situações que fazem parte da própria vida que compõem os quadros do "dia-a-dia". Seria por demais chocante, como ainda insistem alguns produtores sedentos de lucro fácil, nacionais e estrangeiros, que se apresentassem cenas escandalosas, sem o menor pudor e sem a menor consideração para com o público e que, como tem acontecido algumas vêzes, recebessem o viso de "boa-qualidade" da Censura, ainda que taxados de impróprios até 18 anos. Deveria, antes de tudo, haver um espírito lúcido e compreensivo de seleção, a fim de que não se justificassem erros na classificação dos celulóides. Como deveria haver, também, uma severa fiscalização às portas do cinema, para que fôssem respeitadas, rigorosamente, as decisões dos censores. Tal comentário, vem justamente a propósito de certas opiniões desfavoráveis que tenho ouvido, de certas senhoras, mães de família, com respeito a filmes realmente artísticos, como "Adúltera", "Conflitos de Amor", "Eterna Ilusão", "Presença de Anita", e alguns mais, como películas imorais e que deviam ser proibidas! Ora, para uma mentalidade madura, para um espírito lúcido e compreensivo, que sabe perfeitamente distinguir entre a arte e a imoralidade, tais comentários seriam perfeitamente dispensáveis e descabidos, em se tratando, como realmente o são, de películas artísticas, tratadas com habilidade e sentimento, embora abordando verticalmente problemas da sociedade de nossos dias, ferindo de perto assuntos delicados e que existem ao nosso redor, em qualquer lugar que estejamos. Tais disparates não seriam ouvidos se a fiscalização fôsse mais rigorosa, e se os censores, liberando películas verdadeiramente indecentes, não deixassem margem para confusão entre filmes artísticos e imorais. Porque o mais não passa de falso puritanismo, de uma ingenuidade forçada, provocada pela aparente máscara de um falso pudor. Porque, se afinal de contas torna-se necessário que se faça um saneamento moral nas fitas de cinema, é preciso também que se ajude o público a desenvolver a sua mentalidade, a madurar o seu raciocínio, fazendo-o discernir a verdadeira arte da imoralidade.

l e o n e l i a c h a r

De PAULO KALAMAR

Não sabemos porque jamais uma revista ou jornal conseguiu deslindar o «mistério» que envolve a vida de Orlando Villar. Daí a celeúma provocada por muitos periodistas, atacando-o sem dó nem piedade e fazendo a eterna pergunto: de onde veio? Como? Quem é êle? Qual a sua nacionalidade?

Orlando Villar, calado, ia sofrendo resignado, sem dizer palavra. E por mais que o provocássemos o rapaz se fechava em cópas e culminava por engambelar os repórteres, parecendo não se importar muito que o público soubesse de sua vida.

Mas num dêstes dias estávamos ao lado de Villar que guiava seu automóvel na Via Anchieta, calmo, bem humorado... De repente um dos diretores da Cinematográfica Maristela tirou do bôlso o exemplar de uma revista carioca onde um cronista atacava fortemente Orlando Villar. Não obstante Orlando possue talento e sua figura máscula e a gôsto das jovens sonhadoras, se anquadra perfeitamente às exigências do cinema, bastando que para ser um artista muito bom, faça doublagem se se tornar necessário.

Mas o objetivo desta reportagem é bem outro. Continuemos pois a nossa narrativa:

Orlando ao ouvir o que estava sendo lido pelo diretor, mudou de fisionomia. E como estava a seu lado um repórter, voltou-se para êle e disse finalmente o que tanta gente desejava:

— «Nasci no dia 9 de julho de 1925. Tenho 25 anos portanto. Frequentei várias escolas e possuo o curso ginasial complementar. Tudo isso no Rio de Janeiro, lugar onde nasci, meu amigo. Já fiz vários filmes. Ei-los: «Cavalo 13»; «Fogo na Canjica»; «Caminhos do Sul»; «Quando a noite Acaba»; «O Noivo de Minha Mulher» e agora «Presença de Anita» e «Suzana e o Presidente», com a Maristela. Já fui e já fiz um pouco de tudo na vida. Lutei box, fui volante, tendo ganho vários prêmios e medalhas com o guidon; sou piloto civil brevetado e adoro meus pais que vivem no Rio atualmente e dos quais não gosto de me separar. Além disso que tanto desejam saber, adoro as côres verde e cinza. O verde porque simboliza a esperança e o cinza talvez pelo sentido vago da palavra — O verde significa a esperança, não é? E quando a esperança se esvái só restam as cinzas...

(Cont. na pág. 22)

DESVENDADO O MISTÉRIO



«Caminhos do Sul»



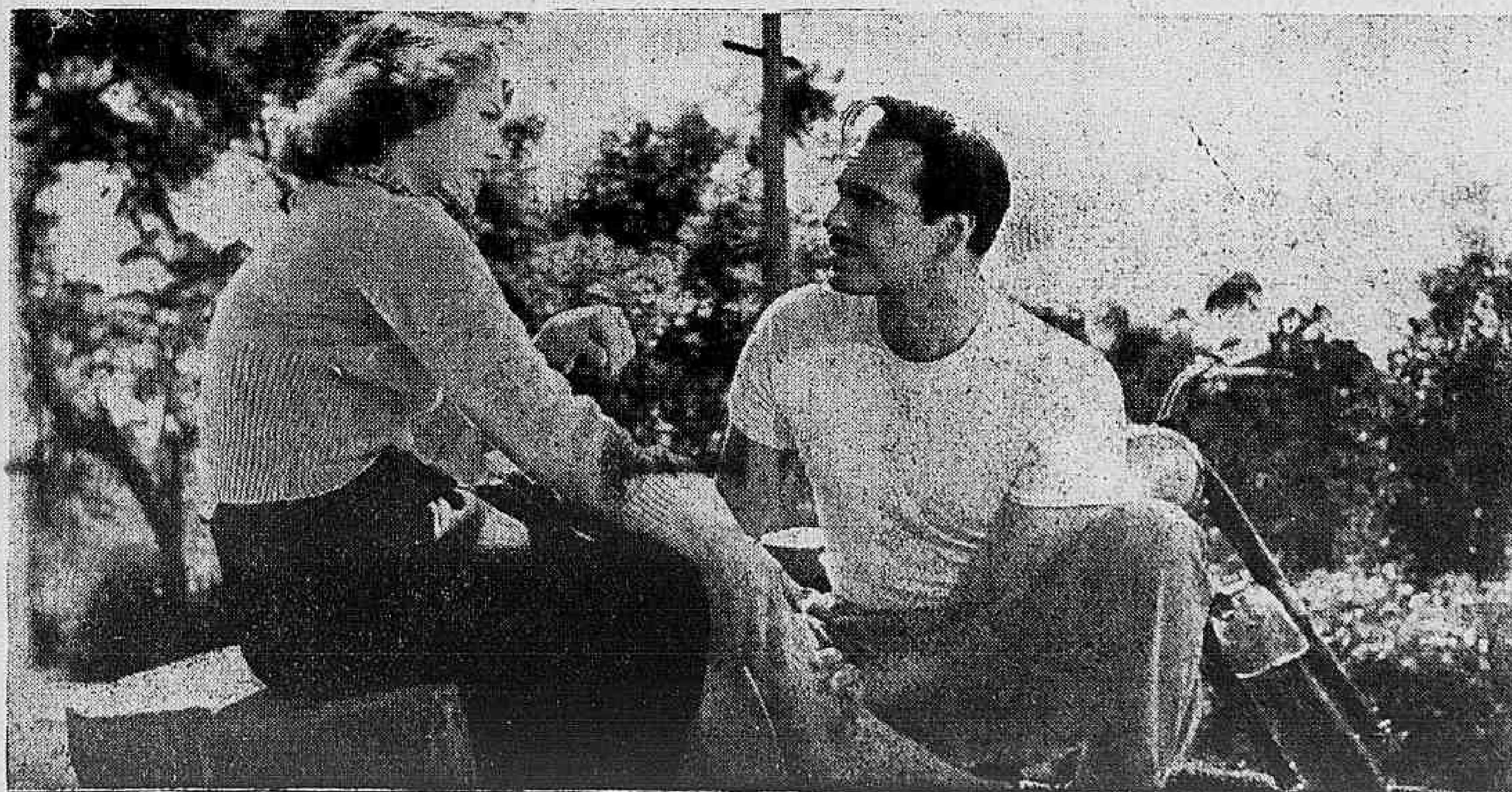
«Quando a Noite Acaba»



«Presença de Anita»



Ao lado de Vera Nunes, numa cena de «Suzana e o Presidente», seu último filme para a Maristela



A CENA muda

SEMANÁRIO DE ARTE

ANO 30 ★ Nº 21 ★ 24-5-51

SUMÁRIO

Arte e imoralidade (Leon Eliachar) 3
Desvendado o mistério (Paulo Kalamar) 4
Florence Marly, uma estrêla singular (Alberto Conrado) 6
O direito de matar (cine-romance) 7
O publicista, êsse condenado
O publicista, êsse condenado (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 10
Casamento de Chifon (resumo) 12
Antes e Depois 13
Candidate-se ao cinema brasileiro 14
O filho de Elizabeth 15
Flashes mundiais 16
Wendel Corey em seu lar 18
A bela época e o cinema (Renée Jeane) 19
Patric Crowles (Paramount) 20
Intercâmbio ítalo-brasileiro . 21
Ronda Fleming 25
O que vai pela Broadway (Jackson Flores) 26
Telas da cidade 27
Rodolfo Mayer (rádio) 28
Carlos Cotrim (rádio) 29
Discos (Frankie) 30
Melodias para você 31
Arquivo (Brooklyn Jack) 32
Música (Oswaldo da Cunha) 33
Pausa para meditação 34
Opinião Alheia 34

C A P A :

JAN STERLING

(Paramount)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

E X P E D I E N T E

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito.

Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Distribuição em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

Rua da Conceição, 58 — 1º andar — Tel. 36-6718

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD

VIOLET KINNEY

THMOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS

JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade: **Severino Lopes Guimarães**

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

A SINGULAR FLORENCE MARLY

PUNTA DEL ESTE — Uma mulher de estranha aparência, andar elástico, fronte serena e grandes olhos claros, pensativos, atrai o olhar do cronista que passeia pelos jardins de Cantegril. Esta mulher com algo de espiritualmente indefinido, que está em todo coquetel ou festa é Florence Marly, a brilhante estrêla nascida na Tchecoslováquia, triunfadora em Paris, Hollywood e Buenos Aires e laureada no Festival de Cannes, pelo seu talento de artista. Vem de Hollywood e naturalmente que conversaremos com ela sôbre os seus mais recentes passos cinematográficos. As pupilas de Florence Marly — olhos que obrigam ao comentário admirativo em tôdas as partes — parecem procurar em algum lugar as imagens de suas recordações.

— "Estive primeiramente na Tchecoslováquia... em Praga... Estava comprometida para fazer um filme e fui diretamente para cumprir êsse compromisso."

— Bom cinema o tchecoslovaco?

— "Muito bom. Acho que seus estúdios são os melhores da Europa em matéria de elementos técnicos, amplitude, e, naturalmente, instalações."

De sua organização, Florence Marly fala com eloqüência sôbre o fato de que se podem filmar simultâneamente quatro filmes num mesmo estúdio. Conta com extraordinários profissionais em cada um de seus ramos: a iluminação, som, fotografia, decoração, etc.

— E os intérpretes?

— "Muito bons, assim como os diretores. Geralmente, o cinema tchecoslovaco tem evoluido de forma assombrosa nos últimos tempos. E devo advertir que eu falo de dois anos e meio, época em que ali estive. Não creio que, desde então, as coisas se tenham modificado."

O QUE O PÚBLICO PREFERE

Uma referência sôbre a influência do idioma e indiferente à expansão das produções, nos leva a um tema paralelo. E falamos do cinema francês.

A EXÓTICA ARTISTA TCHECOSLOVACA NOS FALA DE SUA MOVIMENTADA CARREIRA. "OS ESTÚDIOS DE PRAGA SÃO OS MELHORES DA EUROPA" — DECLARA MRS. MARLY — PARA O FILME "TOKIO JOE", COM HUMPHREY BOGART, FOI OBRIGADA A APRENDER JAPONÊS — ADMIRADORA DE VILLA-LOBOS E DORIVAL CAYMMI

De ALBERTO CONRADO

— E o público do cinema francês?

— "E' um público seleto... Público que domina mais de um idioma... e público que tem interêsse pela forma francesa que, incontestàvelmente, é diversa em seus enfoques humanos..."

Falamos do que tem feito na França e a êsse respeito se refere:

— "Foram dois filmes nos quais trabalhei com muito entusiasmo, e, naturalmente, com certa pressa. Já estavam, nesse tempo, formuladas algumas proposições desde Hollywood e, como pode supor, tinha o tempo medido... Não obstante, fui demorando minha partida, fundada numa objeção por mim posta: meu desconhecimento da lingua inglêsa."

— E como você resolveu essa parada?

— "Fui primeiro para a Inglaterra... E estava entre ir para os Estados Unidos ou fazer alguma coisa nos estúdios inglêses, quando de Hollywood me apressaram para que, de qualquer forma, fizesse a viagem; e então me decidi."



Florence Marly — a dos quatro idiomas. Mas só falou em castelhano.

FILMOU EM QUATRO IDIOMAS

A conseqüência de sua excepcional capacidade para a aprendizem dos idiomas é que Florence Marly é na atualidade a única atriz que filmou em quatro idiomas: em tcheco, em francês, em inglês e em castelhano, êste último em Buenos Aires em filmes dirigidos na Argentina pelo realizador francês Pierre Chenal, seu espôso. Mas isso não é tudo. Numa das últimas produções nos Estados Unidos (Tokio-Joe), ao lado de Humphrey Bogart, tinha que dizer algumas frases em japonês.

— E aprendeu japonês, também?

— "Naturalmente. Queria pronunciá-lo bem... E isso me obrigou a estudar... "Uma coisa traz a outra".

Interrompe uns segundos e, sorrindo, com a graça de uma japonêsa, nos fala na lingua do Mikado. As palavras brotam de sua bôca suavemente como evocando os versos de Rubem Dario...

A ÚNICA DIFERENÇA: O IDIOMA

— Agrada-lhe trabalhar em Hollywood?

— "Sim... E devo voltar para filmar, agora sob contrato da Monogram."

— Sentiu a diferença do ambiente?

— "Tenho a impressão de que os "sets" são iguais em tôdas as partes. A única distinção era o idioma. Mas isso se solucionou e tudo andou perfeitamente."

— Sabemos que você, Florence, passou pelo Brasil antes de chegar a terras do Rio da Prata. A sua estada ali lhe deu tempo de admirar a Cidade Maravilhosa?

— "Não tudo o que eu queria. Entretanto, nos fizeram passear de ônibus pela cidade e fomos a uma festa na casa do sr. Guinle, onde todos os integrantes da delegação americana ficaram maravilhados com a hospitalidade dos brasileiros e as canções de Dorival Caymmi, tanto assim que eu e o Ricardo Montalban deixamos uma pessoa encarregada de enviar-nos para Hollywood uma grande coleção de seus discos. Devo frisar que já possuo trinta gravações de músicas de Villa-Lôbos, pois tanto eu como meu marido Pierre somos grandes admiradores do maestro brasileiro."

Florence Marly verte logo um caloroso elogio sincero — como tudo que ela faz e diz — sôbre o nosso Brasil. Diz, além do mais, que espera o rápido incremento da produção filmica brasileira, pais que atrai pela sua cultura, sua beleza e simpatia. E assim se despede Florence Marly, a interessante estrêla internacional, que filmou em quatro idiomas.

CINE ROMANCE

Título original:

"Justice est Faite"

ELENCO:

Claude Nollier.. Elsa Ludenstein
Michel Auclaire. Serge Kremer
Jean De Cucourt Michel Caudron
Valentine Tissier Marcelino Micoulin
Jacques Castelot Gilbert de Montesson
Noel Roquevert. Evariste Malingré
Raymond Bussiéres .... Felix Noblet
Antoine Balpetré O Presidente do Tribunal

Uma seleção «Cofram» distribuida pela França Filmes.
1º Grande Prêmio Internacional do Festival de Veneza de 1950.
Direção de ANDRÉ CAYATTE



O Presidente do Tribunal faz friamente a exposição dos fatos para os jurados.

O DIREITO DE MATAR

O tema é rude, inteligente, sem concessão. Essa acusada, a um só tempo atrativa e fria, dá-nos testemunho de como os jurados a julgam em função de suas experiências pessoais. Pela primeira vez se ousa, no cinema — e tôda a honra é devida a um filme francês — abordar a fundo o problema da justiça humana. O filme é notàvelmente composto, com uma firmeza apenas igualada pela sua simplicidade. Mais de trinta artistas, dos menores aos maiores, contribuiram para que "O Direito de Matar" (Justice et faite) seja um filme pungente, humano e de um atordoante realismo.

ARGUMENTO

ESTAMOS em Versailles, no Tribunal de Justiça. Elza Lundenstein (Claude Nollier), doutôra em medicina, assassinou Maurício Vaudémont, seu amante havia oito anos, para libertá-lo das terríveis dores causadas pelo câncer. "O amor e a piedade me obrigaram a isso" — diz ela. O acusador sustenta, entretanto, que o crime de Elza fôra determinado pela certeza de que seria beneficiada com uma herança de trinta-e-cinco milhões de francos, o que lhe possibilitaria uma vida de fausto em companhia de Sérgio Kramer (Michel Auclair), seu outro amante. Eutanásia

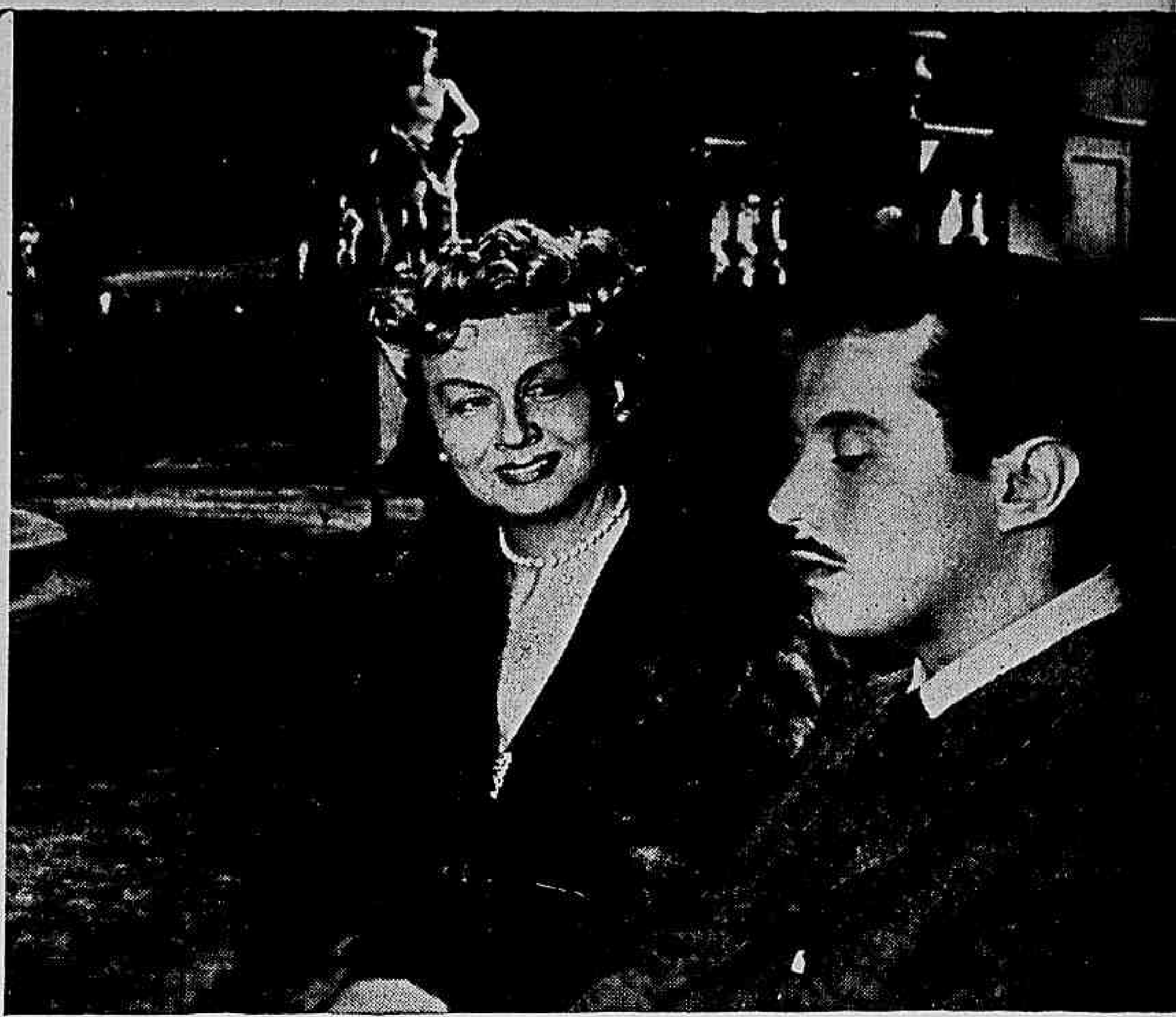


Elza Lundenstein, a ré, não contém a sua emoção ao ouvir a sua sentença de reclusão.



Serge Kremer, amante de Elza, toma-se de súbito de forte emoção, não se conformando com a separação.





ou venalidade, monstro de perversão ou devotada amante, eis a dúvida que paira sôbre a cabeça da ré. Sete jurados, escolhidos por sorte entre diversas classes sociais, são chamados a julgar, "em sua alma e consciência", a criatura ali presente. São tôdas pessoas honestas, é certo, mas, a despeito de sua probidade, de seu juramento sôbre o evangelho, não podem deixar de sofrer a influência de suas vidas, de suas preocupações ou de seus sonhos. Aqui estão os sete personagens em cujas mãos repousa o destino de Elza Lundenstein:

Gilberto de Montesson (Jacques Castelot), um proprietário de coudelarias e fidalgo fim-de-raça. Suas duas predileções: as mulheres e os cavalos. Um cínico, sempre a olhar coisas e sêres do alto dos seus coturnos. Para desposar uma rica herdeira, rompeu definitivamente com sua amante (Dita Parlo), agora fora de uso, e de quem êle teme uma reação a revólver, vitríolo ou qualquer outro meio assim perigoso. Porém, nada disso acontece e Gilberto vem a saber, já no fim do julgamento, que sua ex-amante se suicidara. E êle, já livre, considera o caso de Elza nos seguintes têrmos: uma aventureira calculista, cançada dos beijos de seu amante número um e que complica o seu idílio nos braços do amante número dois, com quem tece projetos de futuro. Por fim, ela mata o número um. Bravo! Tem o caminho livre e os trinta-e-cinco milhões garantidos.

Evaristo Malingre (Marcel Pérès), agricultor. De repente vê-se constrangido a abandonar seus campos, suas vacas, suas galinhas, suas batatas e sua mulher para tomar assento entre os jurados do tribunal de Versailles. Enquanto assiste aos debates do caso Lundenstein, seu empregado aproveita o tempo fazendo a côrte à fazendeira (Nane Germon), esquecido, harmônica em punho, de que os bois estão com sêde e os legumes jazem ao léu. A infidelidade chega, porém, ao conhecimen'o de Evaristo. Para êle o caso de Elza Lundenstein é simples: Elza não passa de uma desavergonhada, tendo-se valido da doença de Vaudrémont, que não podia vigiá-la, para cair na devassidão... como as outras.

Miguel Cauderon (Jean Debucourt), um vendedor de banheiras que possui um coração, uma espôsa (há bastante tempo) e cinqüenta anos. Pertence ao gênoro poético, isto é, capaz de apaixonar-se à primeira vista. Generoso, não compreende que certos jurados, obscurecidos pelos trinta-e-cinco milhões, possam reduzir uma tragédia de ensciência a uma vil questão de interêsse.

Marcela Micoulin (Valentine Tessier), negociante em antiguidades, desenvôlta e livre, não espera senão uma aventura condizente com o seu temporamento. Sofre, entretanto, dois golpes, duas decepções sucessivas que quase lhe fazem perder a serenidade. A seus olhos, contudo, a acusada fôra sempre sincera e puras as suas intenções.

João Lucas Flavier (Jean-Pierre Grenier), impressor da diocese, ca'ólico fervoroso e apaixonado pela espôsa. Aflige-o seu próprio filho, uma espécie de monstro, verdadeiro pesadelo, cujo passatempo favorito é estilhaçar os vitrais e vasar os olhos dos gatos. Um caso incurável que melhor seria aferrolhar num hospício... ou, simplesmente, suprimir sem mais considerações. A vida de João Lucas é pouco mais ou menos o reflexo da de Elza. Êle, porém, cultiva princípios que faltavam à acusada. Esta falhara, o que era fatal. Fôra, de fato, sincera, e por isso atrai a estima e inspira compaixão. Mas, apesar de tudo, é culpada, pois tôdas as provações encerram um significado, ainda quando êste seja inacessível ao nosso entendimento... Deus é quem o determina; só Êle pode dispor da vida de cada um de nós.

Felix Noblet (Raymond Bussières), "garçon" de café. Embora servindo num estabelecimento chamado "O Rei Sol", os pais da jovem que êle ama (Annette Poivre) se opõem a um enlace tão pouco honorífico. No decurso dos debates, Felix dirige várias perguntas muito judiciosas às testemunhas. Os pais da jovem, que estão presentes, ficam maravilhados e suas opiniões sensìvelmente modificadas. Em suma, consentem no casamento. Elza faz, assim, duas pessoas feliz à custa de seu drama e Felix chega àconclusão de que a eutanásia é uma coisa grandiosa. Em sua euforia, como

pode êle usar de severidade? "Não poderemos matar em nenhum caso!". "De acôrdo, de acôrdo, mas se declararem Elza culpada, os senhores a condenam à pena de morte! Sejam lógicos!"

Teodoro Andrieux (Noel Roquevert), comandante reformado. Tendo um dia desobedecido ao marechal Lyautey, jamais conseguiu chegar a coronel. Ríspido, foi causa do fracasso do casamento de sua filha mais velha. A segunda não tem melhor sorte. O motivo de seu namôro (Claude Nicot) prefere-lhe Dakar. Para o velho oficial, cultor de inúmeros preconceitos, cada qual mais fossilizado, Elza apresenta, logo de início, o defeito de não ser francesa. Depois, não tem religião nem idéia de família, pois tentou apoderar-se de um legado por não importa que meio. Só pode ter um destino, e êle saberá pronunciar-se nesse sentido...



Os sete jurados, cujos pontos-de-vista são exclusivamente pessoais, quando a justiça deveria ser objetiva, discutem o caso de Elza sem chegarem a um acôrdo, Culpada, Elza deve ser severamente punida; inocente, urge absolvê-la. Surge, afinal, a sentença absurda: cinco anos de reclusão.

E a acusada volta para o seu cubículo, onde a esperam mil e oitocentos dias e mil e oitocentas noites longe do homem que ela ama, castigo que cumprirá em nome dos princípios de cada um de seus julgadores. Quanto a êstes, regressarão todos à sua honesta existência, satisfeitos por se terem pronunciado como homens livres, de acôrdo com o juramento que proferiram. Elza, eras culpada ou inocente? Ninguém o saberá jamais. O caso está encerrado. *Fêz-se a Justiça.*



O PUBLICISTA, ÊSSE CONDENADO!

1.ª de duas reportagens

DIZ o dicionário que *Publicidade* é vulgarização, propaganda por anúncios. E *publicista* um escritor público. Parece simples, não é? Mas não é tão simples como parece, na realidade. A publicidade é uma das molas motoras do mundo moderno e aparece com freqüência em quase tôdas as atividades humanas: na indústria e no comércio, na politica e na religião de cada um e de todos. A profissão de publicista em certos paises como os EE. UU. da América alcançou uma notoriedade até certo ponto justa e correspondente ao esfôrço intelectual dos que a ela se dedicam. E' claro que quando digo publicista quero referir-me à classe dos intelectuais da propaganda, dos redatores de reclame, dos idealizadores e realizadores dos anúncios e não aos agentes de corretagem como poderia pensar qualquer tira com fumaças de advogado sediado em distrito, que fôsse sádico como é da natureza dos tiras, e deliberadamente confusionista, ou ignorante, e apanhasse êste artigo por acaso.

Essa notoriedade do publicista é recompensada de várias maneiras sendo que, no regime econômico-social em que vivemos, ela se resume em uma só e perfeitamente lógica: o alto salário ou, no minimo, o salário decente, o salário que oferece à vitima a condição social pequeno-burguesa, uma reserva considerável no Banco e a possibilidade de se estabelecer futuramente com negócio por sua própria conta, etc., etc. Bem isso é o ideal de muita gente por ai, nos Estados Unidos, como no Brasil dos Estados Unidos. O ideal, mas nem sempre a realidade, exceto com algumas exceções que não fazem regra.

Nenhuma forma de publicidade é mais estravagante, mais rotineira, e às vêzes mais viciosa do que o anúncio impresso que explora o negócio de filmes. Nos Estados Unidos porque os produtores, distribuidores e exibidores exijem que assim seja, e todos sabem que os produtores, distribuidores e exibidores cinematográficos são uns sêres privilegiados, dotados do mau-gôsto elevado à quinta potência, sem exceções, neste caso. Ora, os publicistas ianques ganham para isso: para atender ao mau-gôsto dos exibidores, distribuidores e produtores. Por sua vez o público adquire o hábito de apreciar êsse tipo de propaganda inteligentemente estúpida. E exige cada vez mais burrice nesse tipo de reclame. O circulo vicioso não tem fim, antes cresce e se espalha por outros paises e por todos os continentes. A velha Europa, ao invés de ópio asiático, bebe coca e se bestianquiza: a Itália, a Alemanha, a própria França, seguem as linhas gerais dêsse tipo de publicidade em jornais, revistas, rádio, televisão, etc. A glamorização do anúncio, do ponto-de-vista gráfico (concepção e execução) é um mérito americano: inclusive a glamorização do anúncio de cinema, cujo antecendente direto é o painel de circo. Quanto ao valor, digamos literário, êle é nulo, propositadamente. E' nulo, não vazio: ao invés de estimular e satisfazer o cérebro, êle estimula o sexo, as glândulas gustativas, etc. E' a publicidade salivar, digestiva, aliás muito razoável para um cinema mais *diversionista* que artistico, de qualidades mais *espetaculares* que *estéticas*.

Mas se nos EE. UU. a compensação do profissional ao especializar-se e, mentir e escandalizar diàriamente, sempre mais e pior, é gorda, valiosa; se um redator de publicidade cinematográfica ganha de maneira estimulante à especialização da mentira cretina que o público cretino aceita e exige mesmo; no Brasil, como provàvelmente em outros lugares semelhantes da órbita ou de fora dela, a coisa muda de figura. Aqui também os exibidores, distribuidores e produtores são tão beócios e capadócios como os de outras partes, ou talvez mais: o que resulta em que a publicidade dos filmes, justamente para atender às aspirações da massa embrutecida por anos de prática, costume e experiência, tem de ser feita em bases precárias, e quanto mais precárias, melhor!!! De modo que chegamos a um paradoxo aparente: é preciso o sujeito ser inteligente a tal ponto de submeter-se a fazer uma propaganda bem idiota, bem vulgar, para agradar aos patrões (exibidores, distribuidores, produtores) e ao público igualmente bôbo, o que é muito dificil, mas muito provável. Agora, o que acontece aqui, e que não sei se acontece também na América do Norte porque lá nunca estive, é que quando a gente faz uma publicidade realmente inteligente desagrada a gregos e troianos, isto é, aos cinematografistas e ao povo. O que é muito desagradável para o próprio publicista, arriscado a perder o emprêgo de uma hora para outra, exceto se fôr vitalicio pela lei dos dez anos, coisa muito rara... Também outro negócio muito diferente da América do Norte, de fato, exatamente o oposto do que existe por lá, segundo dizem: é que aqui o propagandista, o redator, o Chefe da Publicidade das agências ou das emprêsas de cinema recebe salários ridiculos, miseráveis mesmo, e não tem privilégio de opinar, não tem a carta-branca para decidir *o que deve ser feito* ou *quanto* deve ser gasto *onde, como* e *por quê*, exceto em casos rarissimos, tão raros que contando parecem mentiras ou anedotas.

Em certas firmas comerciais americanas no Brasil ou em certas firmas brasileiras de organização semelhante à das americanas (mas não tôdas!), firmas *que não são de cinema*, a questão da notoriedade e dos altos ordenados que a acompanham pode existir. Bem como em certas distribuidoras de publicidade independentes, agências especializadas em propaganda de esporte, rádio, perfumaria, uma coisa e outra. Mas nunca nos departamentos de publicidade de companhias cinematográficas brasileiras, americanas, francesas, italianas, argentinas, ou seja lá o que fôr. A regra geral é o baixo salário e a obediência aos ditames dos chefões, que nada entendem e jamais entenderão de publicidade, ainda que vivam quinhentos anos! E protestar ou tentar modificar essa regra geral e essa situação de fato é cometer ato de refinada loucura que não convém e faz mal ao figado, e ao bôlso do parceiro...

Todavia, a publicidade cinematográfica no Brasil (e quando digo Brasil todo mundo sabe que me refiro ao Rio de Janeiro e particularmente à Cinelândia, foco do cinematografismo) possui uma tradição e uma história não menos digna, nem menos nobre do que qualquer outra. Seus pioneiros, de acôrdo com o que me informaram (e eu não tomo partido, limitando-me a passar adiante o que me contaram, e solicitando modestamente minhas desculpas pelas omissões porventura existentes neste trabalho), foram os cronistas Vasco Abreu e Manuel Cravo, contemporâneos do periodo posterior à Primeira Guerra Mundial, e portanto lutadores do tempo do cinema mudo, da Era Clássica do Filme. Eram, dizem e eu passo adiante, inteligentes, ativos, e ainda do tempo em que a publicidade começava a criar asas; entusiastas, pois, da *originalidade* na



O publicista também faz a ronda...

PUBLICIDADE DE FILMES NA AMÉRICA E NO BRASIL ★ SALÁRIO, PREÇO E LUCRO ★ PRODUTORES, DISTRIBUIDORES, EXIBIDORES ★ O RUIM AGRADA MAIS DO QUE O BOM ★ PIONEIROS DA PUBLICIDADE NO RIO ★ JORNALISMO & PUBLICIDADE... ★ DE COMO FAZER PROPAGANDA SEM GASTAR CENTAVO EM 1951...

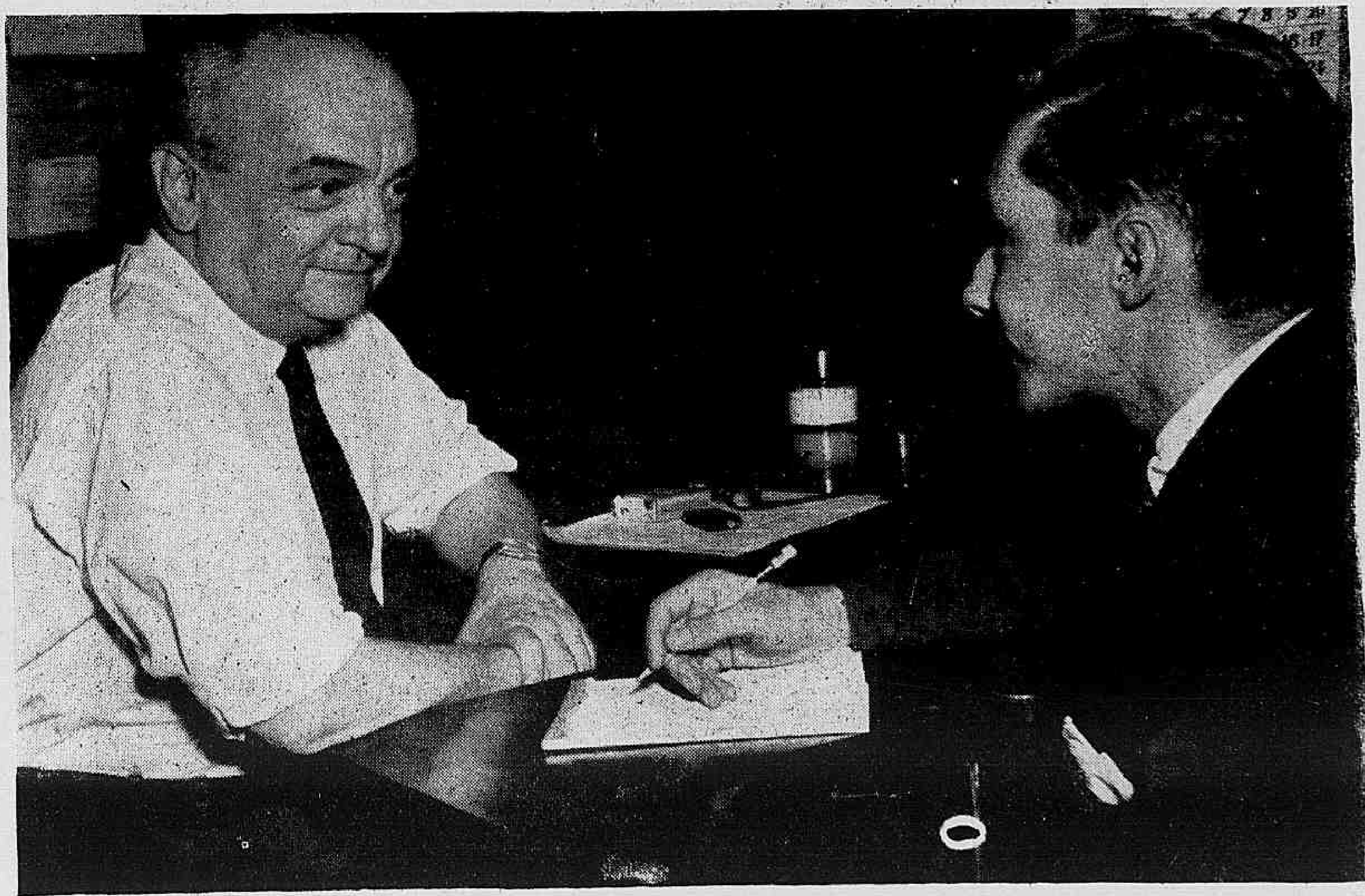
de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA

propaganda prévia, na preparação, bem como durante a exibição dos filmes, tanto nos veiculos de publicidade indireta e remota como na própria casa exibidora. E isso num tempo em que a psicologia da publicidade não podia contar com os recursos técnicos e industriais de 1951... Eram homens da época em que um verdadeiro *capital* era empregado para atrair multidões na razão direta do sucesso financeiro e artístico que, pelo menos, rendesse o triplo. Hoje, a coisa está de tal modo bitolada que é possivel estrear uma fita sem qualquer menção em qualquer outro local que não seja a porta do cinema, ou a tela mesma (o "trailer" no dia ou na semana anterior) e o resultado não será de todo mal. Vai-se ao cinema de qualquer maneira, quase por obrigação, por devoção mesmo, raciocina com certa razão o capitalista proprietário do "poeira". E a publicidade é reduzida ao denominador mais simples. Assim, Vasco Abreu foi o Colombo da publicidade de filmes no Rio, profissão que seria abraçada por dezenas de outros rapazes ansiosos de vencer na vida, irremediàvelmente ligados ao cinema por laços afetivos que a infância e a psicanálise explicaria melhor.

Curioso que Vasco Abreu fôsse jornalista: no decorrer dos tempos uma grande maioria de chefes-de-publicidade das formas cinematográficas seria proveniente dos jornais. Quase sempre, mesmo, razões econômicas determinariam a conjugação das duas coisas: *jornalismo* e *publicidade cinematográfica*. Às vêzes, infelizmente, derivando para um interêsse ultra-egoistico e pouco nobilitante: o *comentarista de filmes* seria ainda *corretor de anúncios* (ganhando por comissão, é claro), e ainda Chefe de Publicidade (redator, naturalmente), ganhando de todos os lados e criando a impossibilidade de ser honesto (de acôrdo com a ética dominante) ou a possibilidade de ser desonesto. Mas casos raros, e hoje quase inexistentes (digo *quase* por não querer botar a mão no fogo por ninguém). Vasco foi jornalista (e talvez tenha sido corretor, eu não sei mas alguém deve saber), e outros vieram em suas águas: Celestino Silveira, ilustre romancista e hôje famoso radialista, *foi* e *é* jornalista, e foi publicista da Paramount, da Metro, da United Artists... Mário Renato de Castro, um dos fundadores de A CENA, cuja atuação na "Eu Sei Tudo" (assim como a de Celestino na "Revista da Semana") é bem conhecida, durante catorze anos estêve à testa do Departamento de Publicidade da Warner Bros.: e que grande publicista soube ser, que lançamentos memoráveis de artistas, de filmes, soube fazer! Há muito de útil, de positivo, de valioso que aprender na carreira e na atuação de publicista de Mário de Castro, assim como na de outro amigo meu, Waldemar Tôrres, um dos poucos que se não deixou traumatizar ou dominar pela padronização estagnante da publicidade ianque e aproveitou o melhor que nela havia para *criar* e *recriar* a seu gôsto, com habilidade, vultoso cabedal publicitário. Pois Waldemar Tôrres também escreveu e ainda escreve de vez em quando em revistas "sôbre cinema" sem obrigatòriamente "fazer publicidade"... Publicistas e jornalistas foram igualmente o falecido L. S. Marinho, o sr. Paulo Lavrador, o contista Eliezer Burlá, o produtor teatral e médico Dr. Hélio Rodrigues, a radialista e TV técnica Suzy Kirby, o sr. Pery Ribas, a especialista em modas Olga Brant, o dramaturgo Péricles Leal, o ator Newton Couto... Por vinte-e-sete anos (27!) o meu amigo Arthur de Castro vem exercendo o cargo de Chefe de Publicidade da Fox Filme do Brasil e por vinte-e-sete anos, com inteligência, habilidade, muita dose de bom humor e disposição, o Castrinho tem adquirido experiência no tratamento da imprensa e do público conhecendo, provàvelmente mais que qualquer outro, a psicologia do fã de cinema e naturalmente a dos produtores, distribuidores, exibidores, tipos muito gozados se a gente tem tempo para estudá-los... Leon Eliachar já lançou filmes; Clóvis de Castro Ramon, jornalista como todos nós, e critico cinematográfico, é, igualmente, o homem responsável pela propaganda da França Filmes do Brasil. Alex Viany e Luiz Alipio de Barros, dois sujeitos fabulosos e muito conhecidos aqui do pessoal leitor, foram, também, publicistas: lançaram filmes. Atualmente na Columbia Pictures está um cavalheiro que não sòmente escreve mas ainda desenha os "lay-outs" da propaganda dos filmes dessa companhia, e cuja experiência nesse campo data de já algum tempo, em São Paulo e no Rio: chama-se Plinio de Campos. Na Universal pontifica a senhora Walda Calvert, e na RKO-Radio a conhecida jornalista e cronista social Zenaide Andréa, que conhece a fundo o assunto, pois já militou na Columbia durante dois lustros, ou coisa parecida. Orêncio Alves Tinoco Jr. é o diretor da Publicidade S. Luiz e foi, durante muitos anos, chefe da publicidade do Departamento de Propaganda da Cia. Brasileira de Cinemas. O seu irmão, Décio Alves Tinoco, durante algum tempo lançou filmes para a Lux-Mar, para o monopolista Ribeiro, etc. A. Loponte e Gino Palmisano já fizeram publicidade para a Art-Filmes e a Cadef, e a Paramount Films, no momento, tem como publicista o jovem e operoso Carlos Rio Branco.

O publicista no Rio pode não ser um conformado mas é em geral um sujeito que trabalha mais por amor à arte do que por qualquer outra coisa. Nome não ganha, nem dinheiro, que é o que interessa no mundo ocidental, e se vocês sabem de alguma outra utilidade ou valor substituto vão me dizendo... Do meu ponto-de-vista, que pode não ser o mesmo de alguns dos meus colegas e leitores, o publicista é um condenado. Como sofre o pobre publicista! Quebra a cabeça procurando unir o útil ao agradável no anúncio, quebra o crânio descendo até à mentalidade comum dos fãs e dos patrões, vulgarizando-se, mas tendo o cuidado de não entorpecer de todo o cérebro... E' obrigado a mentir barato; escreve coisas de que êle mesmo tem vergonha mais tarde; idealiza os troços mais exóticos possiveis, tudo em benefício da bilheteria do filme! O objetivo é renda! Tem de convencer ao exibidor, que é o individuo da classe mentalmente mais heterogênea com um só traço em comum: a ambição de enriquecimento veloz! Tem de convencer aos especialistas (certos criticos, comentaristas, etc.) de que vale a pena assistir a determinado "abacaxi" por causa dos *valores estéticos intrinsecos* que nem sempre existem... Finalmente, tem de convencer ao público, variado, caprichoso, instável, volúvel, de que o drama X é o mais bem feito até hoje, de que a comédia Y não tem similar, e de que a tragédia Z é uma tragédia mesmo, a não ser que a gente a veja com olhos de pessoa normal de certo nivel e verifique não passar de mistificação e farsa... Mas, até ai *tudo legal!* Para isso é que vive o publicista: propagar valores exage-

(Cont. na pág. 22)



... e fuma Philip Morris.

ELENCO:

ODETTE JOYEUX — ANDRÉ LUGUET — JACQUES DUMESNIL — SUZANNE DANTES — LOUIS SEIGNER — GEORGES VITTRAY

Monette Dinay — France Ellys — Marthe Mellot — Francoeur — Jeanne Perez e Robert le Vigan e Pierre Larquey.
Direção de Claude Autant-Lara.



ARGUMENTO:

O CASAMENTO DE CHIFFON

QUEM é Chiffon? Uma jovem filha de nobres da província em oposição a seu meio. Uma pequena revoltada, mas equilibrada e que se desenvolveu livremente em contacto com a natureza. As suas reações são tôdas razoáveis.

Chiffon, é o bom senso francês constrangido numa sociedade bastante hipócrita, cupida e



cheia de preconceitos de classe. Chiffon tem 16 anos. E' bela sem o saber, está-se tornando uma mulher. E' a inocência, no melhor sentido. Não devaneia nem tem a cabeça cheia de leitura. A sua sensibilidade vai para as flores que ela enterra quando estão murchas, e para Gribouille, o seu cão, e para os sêres simples: os criados e velhos parentes retirados do mundo.

Chiffon vive em guerra aberta com sua mãe, uma mulher ainda nova que um casamento acima de sua condição introduziu no meio do qual ela adquiriu principalmente os defeitos. E' vaidosa e superficial. Tem pressa de se desembaraçar da filha cuja presença ao seu lado revela a sua idade e de quem o caráter contraria as suas pretensões.

Apresenta-se um pretendente, inesperado, apoiado pela mão de Chiffon. Tem um grande nome e certa fortuna. E' um homem encantador generoso sensível. Chiffon não lhe encontra nenhum defeito, exceto o de não lhe agradar. Êle tem 40 anos. Chiffon pensa sinceramente que é por causa da idade dêle que ela não o ama. Essa jovem muito franca, por vêzes voluntàriamente estouvada, sabe encontrar para dizer «não» a êsse homem, sinceramente amoroso dela, um acento e palavra tão justas que, desesperando-o, conquista no entanto a sua amizade.

O duque de Aubière, assim se chama o amoroso de Chiffon, é amigo do seu tio Marc. Êsse tio, que só o é por aliança, conheceu Chiffon muito pequena. Ao receber as confidências de Aubière, compreende pela primeira vêz que Chiffon já não é uma criança.

Chiffon, recusa o seu amigo, desespera êsse homem inteligente, simpático, sedutor, que lhe oferecia uma maravilhosa probabilidade de sair

(Cont. na pág. 23)

Antes e Depois



Van Johnson

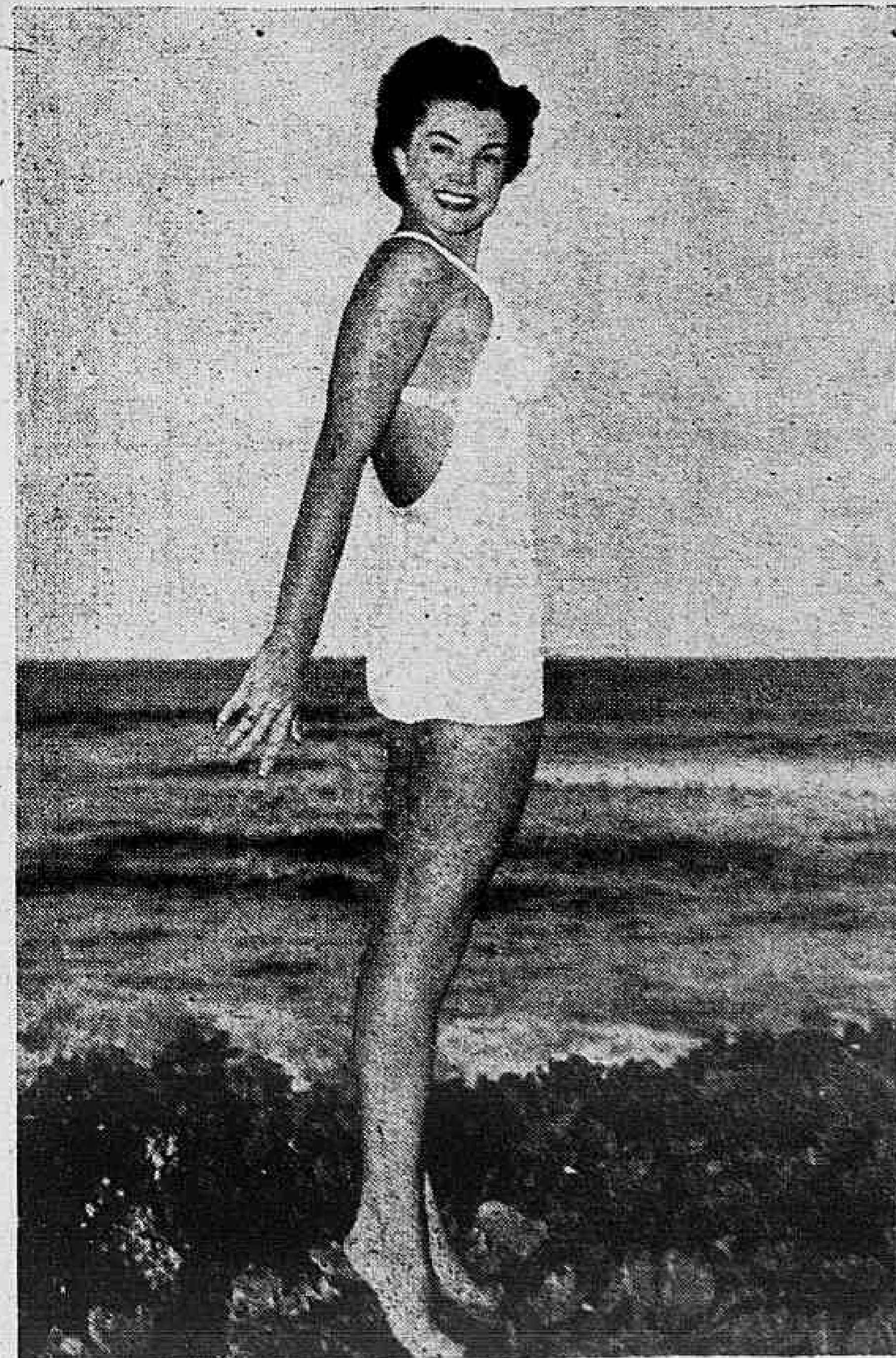


Deve-se ao fato de ter um maioral dos estúdios Metro - Goldwyn - Mayer, considerando Van Johnson «o tipo do rapaz norte-americano» — a presença de seu nome na lista das personalidades superlativas da constelação dos estúdios do Leão, presentemente. Nascido em Newport, Rhode Island, a 25 de agosto, filho de um comerciante local, Van precisou discutir muito com o pai para que êste não o forçasse a seguir a carreira comercial. Sua ambição era tornar-se ator, o que êle conseguiu após alguns desapontamentos e muita luta. Agora, seu pai é um de seus maiores «fans» e afirma que valeu a pena a rebeldia do filho... Sua primeira oportunidade no palco foi na peça «New Faces», vindo depois «Pal Joey», que lhe valeu um contrato para trabalhar no cinema. Fez um filme para a Metro Goldwyn Mayer e agradou logo. E' casado e tem uma filhinha. Terminou recentemente «Todos são Valentes» (Go for Broke) e está iniciando «Too Young ti Kiss». Sinceramente, muito sinceramente: um de seus maiores desejos é visitar o Rio de Janeiro.





Esther Williams



Esther Williams, expoente da natação norte-americana, é uma das mais populares «estrêlas» da Metro Goldwyn Mayer. Nasceu em Los Angeles a 8 de agosto, e ali estêve em dois colégios, passando depois para a Universidade da California. Começou a nadar antes de completar oito anos. Profissionalmente, fêz sua estréia sob contrato com Billy Rose no Show Aquático da Exposição de San Francisco. Foi onde um dos «executives» da Metro Goldwyn Mayer a viu e lhe fêz o convite para um «test». Estreou então num filme da Família Hardy — sua oportunidade definitiva chegou com «Escola de Sereias», que a tornou uma favorita universal. Seus mais recentes filmes são «Meu coração tem dono» e «Amor pagão», êste feito nas ilhas dos mares do Sul e de que é galã o cantor Howard Keel. Casada, tem um filhinho... e um dos restaurantes mais bem montados e freqüentados de Hollywood. Seu passatempo favorito é cultivar rosas e redecorar sua casa.

CANDIDATE-SE AO CINEMA BRASILEIRO

FINALMENTE, iniciamos, hoje, a organização do nosso fichário, com os candidatos ao cinema indígena, nos diversos setores. Tornamos a afirmar, que não estamos, com esta iniciativa, assumindo compromisso algum com os leitores. Apenas estamos servindo de veículo para divulgar aos quatro cantos do país o desejo de cada um, oferecendo assim uma «chance» de serem melhor notados. A CENA é, portanto, um meio de ligação entre os futuros artistas e os atuais produtores cinematográficos.

O LEITOR

que desejar figurar nesta galeria deverá preencher requisitos ao lado e juntar uma (ou mais) fotos de qualquer tamanho, desde que possam dar boa reprodução, em seu próprio benifício.



O PRODUTOR

que se mostrar interessado por qualquer dêsses candidatos, basta nos escrever mencionando o número da ficha, que prontamente lhe forneceremos o endereço completo e telefone do mesmo, para um entendimento direto.



CORRESPONDÊNCIA

Tôda correspondência para esta seção, deve ser endereçada a:
«Candidate-se ao Cinema Brasileiro»
Redação de A CENA MUDA
Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro.

FICHÁRIO

Nome ....

Idade ....

Altura ....

Pêso ....

Cursos ....

Profissão ....

Gênero que deseja abraçar ....

Experiência artística ....

Toca algum instrumento? ....

Observações (a critério do candidato) ....

....

COUPON

Assinatura ....

....

Endereço ....

....

Telefone ....

Cidade ....



FICHA 1 — NELSON VERÍSSIMO — 17 anos, 1,77 de altura, 62 quilos, com cursos de comércio e dactilografia, trabalhando no comércio, sem experiência artística, deseja trabalhar no cinema como ator, ou mesmo simples figurante. Reside no Rio de Janeiro, centro.



FICHA 2 — GILBERTO DE CARVALHO - 13 anos, 1,50 de altura, 41 quilos, curso ginasial, estudante, sem experiência artística, deseja abraçar a carreira de ator. Reside no Rio, Largo do Machado.



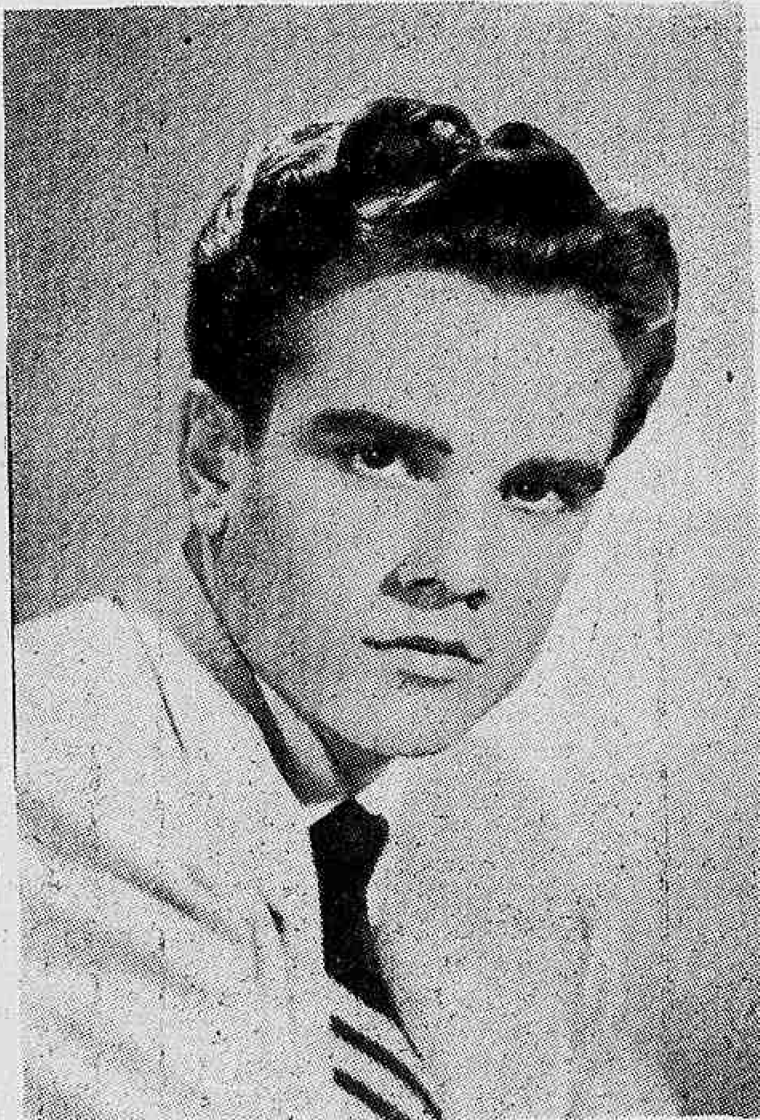
FICHA 3 — IVAN RODRIGUES DE OLIVEIRA — 23 anos, 1,75 de altura, 60 quilos, curso secundário, com noções de inglês, auxiliar de contabilidade, deseja ser ator dramático, embora sem experiência artística. Reside no Distrito Federal.



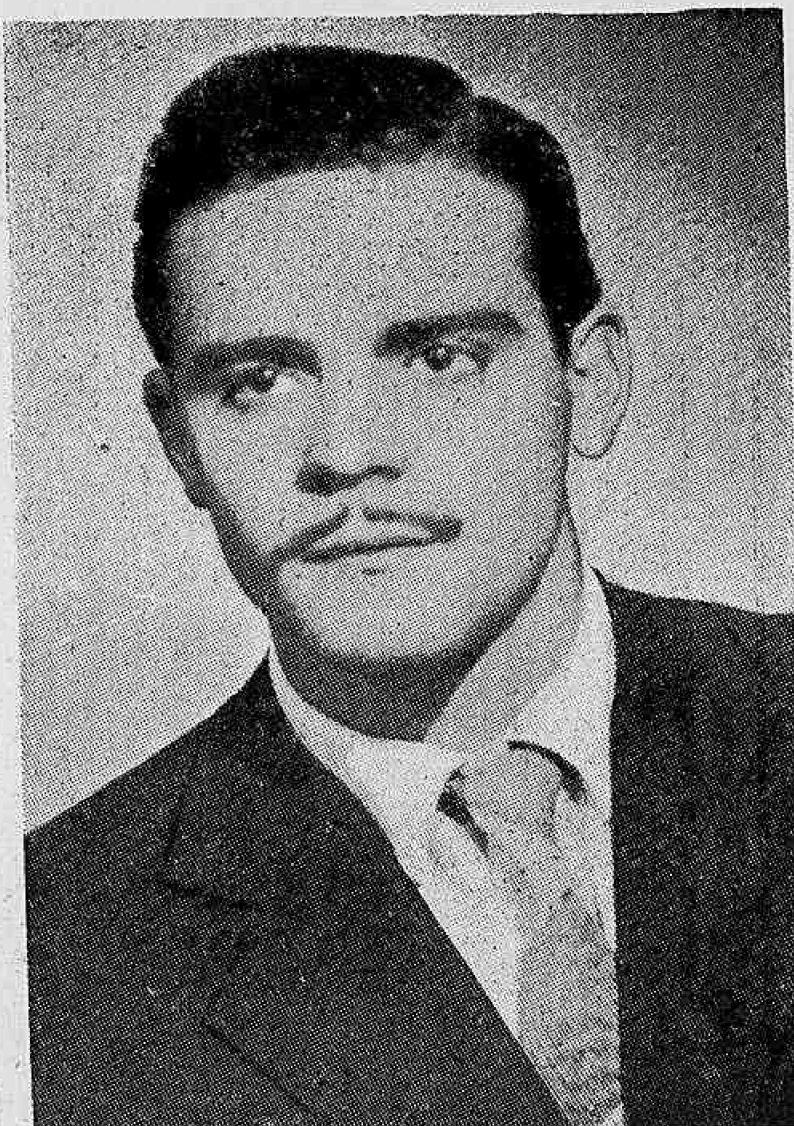
FICHA 4 — ANSELMO SVAIZER — 14 anos, 1,63 de altura, 51 quilos, cursando o terceiro ano ginasial, deseja ser ator cinematográfico. Trabalhou em rádio-teatro como amador. Reside em São Paulo.



FICHA 5 — GIUSEPE MENCHINI — 20 anos, 1,75 de altura, 61 quilos, curso ginasial, com experiência de Teatro e Rádio, exercendo a profissão de radiator, produtor e locutor, deseja ser ator cinematográfico e cenarista. Já participou de uma filmagem, em fins de 49, na película «Noite de Natal», da São Carlos Filmes Ltda. (?). Reside em Curitiba, Paraná.



FICHA 6 — UBIRAJARA RUFFIOS — 18 anos, 1,66 de altura, 54 quilos, terceiro ano clássico, estudante, tendo feito 14 interpretações no teatro, recebendo o 1º prêmio por uma interpretação em um concurso inter-colegial «O Filho», deseja ser ator cinematográfico. Reside em Baurú, São Paulo.



FICHA 7 — ANTÔNIO GERALDO LAHOS — 22 anos, 1,69 de altura, 56 quilos, curso ginasial, trabalhando no comércio, com pouca experiência artística, deseja trabalhar no cinema como ator. Reside em São Paulo.



O FILHO DE ELIZABETH

DEPOIS do sucesso inesperado de «O Papai da Noiva», uma comédia realmente hilariante e que tocava de perto os problemas e as atribulações de um pai de família cuja filha estava em vésperas de casar, a Metro apressou-se em fazer a continuação da história, providenciando um filho para Elizabeth Taylor — que tornou-se agora mãe. «Father Litle Dividend» obterá, assim, o mesmo êxito da película anterior. E é bem possivel que na próxima fita miss Taylor se torne vovó...

Flashes Mundiais

A PRODUÇÃO PORTUGUÊSA REENCONTRA O SEU RITMO



OSCAR DE LEMOS, o astro português que fez a sua estréia no filme de Chianca de Garcia, «Aldeia da Roupa Branca».

DEPOIS duma época, como foi a de 1950, em que a produção de grande metragem se mostrou com pouca iniciativa e, ainda, dentro da pouca iniciativa foram vários os acidentes que surgiram a interromper trabalhos por vêzes quase concluidos, o ano de 1951 apresenta-se com melhor feição e parece mostrar que a produção portuguêsa reencontrará o ritmo de progresso que, de há tempos para cá se interrompera momentâneamente.

Pode dizer-se que só a curta metragem pela sua independência relativa das combinações industriais e comerciais com estúdios e laboratórios e com distribuidores, póde tirar imediato proveito dos auxílios creados pela lei de Cinema. Com efeito nunca em Portugal, desde os tempos dos «cem metros», obrigatórios que tão depressa se revelaram ineficazes, houve tantos filmes de curta metragem. E nunca, também, dentro dos filmes de curta metragem produzidos se apresentaram obras que registassem tantos motivos de interesse quer como concepção, quer como tema, quer ainda como qualidade técnica de fotografia, de som e de música.

Mas o rápido desenvolvimento da curta metragem, desde sempre preconizado e agora em vias de realização não podia, de maneira nenhuma, compensar o enfraquecimento da produção de filmes de grande metragem, base dos espetáculos de cinema português. As dificuldades verificadas o ano passado parece que foram transpostas. Espera-se que êste ano se concluam três filmes interrompidos: «Comissário de Polícia», «Eram Duzentos Irmãos» e «Epopéia da Selva».

Além disso, outros, projetados e preparados, vão entrar em estúdio: «Milagre de Fátima» e «O Cerro dos Enforcados». Já se estreou «Sonhar é Fácil». Já começaram as filmagens de «Um Marido Solteiro». Finalmente, encontram-se adiantados de preparação com visita a uma breve entrada em estúdio «Chaimite», «A Garça e a Serpente», «Saltimbancos» aos quais se acrescenta agora, em adiantado projeto, «As Duas Causas».

A produção portuguêsa pode fàcilmente fixar-se numa média de trabalho que oscile entre uma a duas dezenas de filmes anuais. O equipamento atual dos seus estúdios e laboratórios é de molde a consentir que êste volume de trabalho se realize sem esfôrço deixando margem para a atividade dos documentários, ainda que êstes aumentem o incremento ùltimamente verificado.

Tal como se previra depois dum ajustamento, fatalmente, tinha que ser dificil, o cinema português adapta-se às condições difíceis que teve de enfrentar e prepara-se para as ultrapassar. Para êsse efeito o bloco de filmes que o ano de 1951 deve apresentar pode ser decisivo pela sua variedade, pelo elenco de artistas e técnicos que estarão em ação e pela melhoria que sem dúvida saberão traduzir.

FRANÇA

Em recente "enquête" realizada por uma das mais prestigiadas revistas cinematográficas de Paris, foram escolhidos como os atores mais queridos dos franceses, os seguintes: em primeiro lugar, pela quinta vez consecutiva, Gary Cooper; em seguida vem Errol Flynn, Jean Marais, Gregory Peck, Pierre Fresnay, Laurence Olivier, Orson Welles, Clark Gable, Tyrone Power e em décimo lugar John Wayne. Quanto ao naipe feminino foram as seguintes as estrêlas mais votadas: Michele Morgan que, com seu talento e beleza, conseguiu destronar Ingrid Bergman, que há tempos ocupava o primeiro pôsto. Seguem os nomes de Ingrid Bergman, Edwige Fenillère, Olivia de Havilland, Jennifer Jones, Jane Wyman, Greer Garson, Claudette Colbert, Bette Davis e June Allyson no décimo pôsto. Como revelações de 1950 foram escolhidos Philippe Lamaire e Danièle Delorme, dois promissores talentos do cinema francês.

ITÁLIA



VITTÓRIO GASSMANN (Pretende vir ao Brasil dentro em breve

Os produtores, astros e estrêlas italianos continuam se interessando pelo panorama cinematogrfico sul-americano, depois da próxima visita de Mariella Lotti, por nós já anunciada, outro astro italiano vem de formar uma companhia que deverá também vir à América do Sul, trata-se de Vittório Gassmann que vem de associar-se a Diana Torrieri, prometendo-nos para breve uma visita.

★

MARIA MONTEZ, tão nossa conhecida atraves dos espalhafatosos "tecnicolores" de Hollywood, também foi para a Itália, onde fêz, ao lado

(Cont. na pág. 23)



No set de «Take care of my little girl» que está sendo rodado nos estúdios da T.C. Fox, o diretor Jean Negulesco apresenta Mitzi Gaynor, a Constance Smith, por êle dirigida em «The Mudlark» seu primeiro filme americano.



Monty Wooley, o notável ator característico de Hollywood, discute com o diretor Harmon Jones, os retoques que deverão ser feitos em algumas cenas de «Will you love me in December?», o novo filme de Monty para a T. C. Fox.

ESTADOS UNIDOS



IDA LUPINO (premiada) pela sr^ re^lizrção de «boas fitas»

..ALIDA VALLI, a linda estrêla italiana de cinema, que breve será vista em «Walk Softly, Stranger», da R.K.O.-Rádio, declarou que, ao chegar aos Estados Unidos, sentiu-se afligida, tomada de vários receios, o maior dêles sendo o de não saber falar inglês. Os outros eram: figurar nos programas de rádio (já não tem êsse receio, pois sabe falár inglês) e andar pelas ruas das grandes cidades. A artista acabou por se decidir a andar pelas ruas de New York e Los Angeles, acostumando-se com os empurrões das multidões sempre apressadas...

★

JOSEPH COTTEN vai aparecer com algumas calças velhas em "Walk Softly, Stranger", um drama da RKO. São as suas "calças da sorte" como êle diz, que êle vestiu durante a filmagem de tôdas as suas fitas. São de gabardine, côr creme, escuras, e êle as comprou em 1932, para trabalhar na peça da Broadway, "Loose Momments". Em "Walk Softly, Stranger", Cotten aparece com elas nas cenas em que aparece como empregado de uma fábrica...

Debaixo de uma chuva artificial, num dia de grande calor, Joseph Cotten cometia um êrro atrás do outro, num certo diálogo da fita "Walk Softly, Stranger". O diretor, Robert Stevenson, pediu ao artista que descansasse um pouco para aprender a sua parte. Cotten respondeu-lhe assustado: «Que? Saír debaixo desta chuva, o único lugar em que não faz calor neste "set"? Nem por todo o ouro do mundo."

★

RICHARD CONTE e AUDREY TOTTER reunidos num filme onde impera o crime. "Sentença de Morte", um filme repleto de mil e uma emoções, um drama cruel e vigoroso que se desenrola atrás das grades de uma prisão. A vida de presidiários, relatada com rara fôrça emotiva. A luta sórdida de um homem que desconhecia todos os sentimentos nobres. Um filme da Universal-International.

"A FOGO E A SANGUE" — eis o título do filme em tecnicolor da Universal-International, com a participação de Stephen McNally e Alexis Smith. Um filme passado no oeste, onde um grupo de foragidos da lei tenta assaltar um trem co.reio, o trem da morte.

★

O FANTASMA DO MAR, um homem arrojado, arrisca a liberdade para salvar a vida de um ancião e de uma jovem, ambos sequestrados a bordo de um submarino. "Fantasma do Mar", um drama emocionante, a história de homens e u'a mulher aprisionados num submarino, entregues à fúria de um valentão. Macdonald Carey e Marta Toren são os protagonistas dêste drama que a Universal-International apresentará muito breve.

★

"MAN WITH A CLOAK", que Fletcher Markle dirigirá para a Metro-Goldwyn-Mayer, apresentará Joseph Cotten ao lado de Lionel Barrymore e Leslie Caron, a bailarina francesa que Gene Kelly escolheu, em Paris, para o primeiro papel feminino de "Um Americano em Paris".

★

JAMES CAGNEY aparecerá num filme da Metro-Goldwyn-Mayer: "Angels in the Outfield", que Clarence Brown vai dirigir. Paul Douglas também está no elenco.

★

AS QUATRO PRINCIPAIS figuras de "Scaramouche" serão Ava Gardner, Elizabeth Taylor, Ricardo Montalbán e Fernando Lamas. O filme será em Tecnicolor, sendo de George Sidney a direção.

★

"WESTWARD THE WOMEN", que William Wellman vai dirigir, apresentará Robert Taylor com Walter Pidgeon e Bruce Cowling. Os elementos femininos vão agora ser escolhidos.

★

AQUI ESTÁ, completo, o elenco de "It's A Big Country", da Metro-Goldwyn-Mayer: Ethel Barrymore, Keefe Brasselle, Gary Cooper, Nancy Davis, Ann Harding, Jean Hersholt, Van Johnson, Gene Kelly, Janet Leigh, Marjorie Main, Fredric March, George Murphy, William Powell, S. Z. Sakall, Lewis Stone, James Whitmore e Keenan Wynn. Diretores dêsse filme, que se divide em seis historietas: Don Hartman, John Sturges, Charles Vidor, Richard Thorpe, Clarence Brown, Anthony Mann e Don Weis.

O FILHO DE BOYER



CHARLES BOYER, é o orgulhoso papai de um belo garoto de 7 anos, e como todo pai não perde uma oportunidade de comentar com os amigos as qualidades do seu Michael, que é um dos motivos de orgulho para Charles. Como todo garôto travesso Michael não dá um minuto de descanso ao seu famoso pai, quando está em casa. Boyer nada tem daquêle tipo romântico e conquistador tão nosso conhecido através das suas notáveis interpretações, é um homem simples, carinhoso e não raro vemo-lo às voltas com um jôgo de baseball ou bancando o pele vermelha, tendo como companheiro o seu querido Michael.

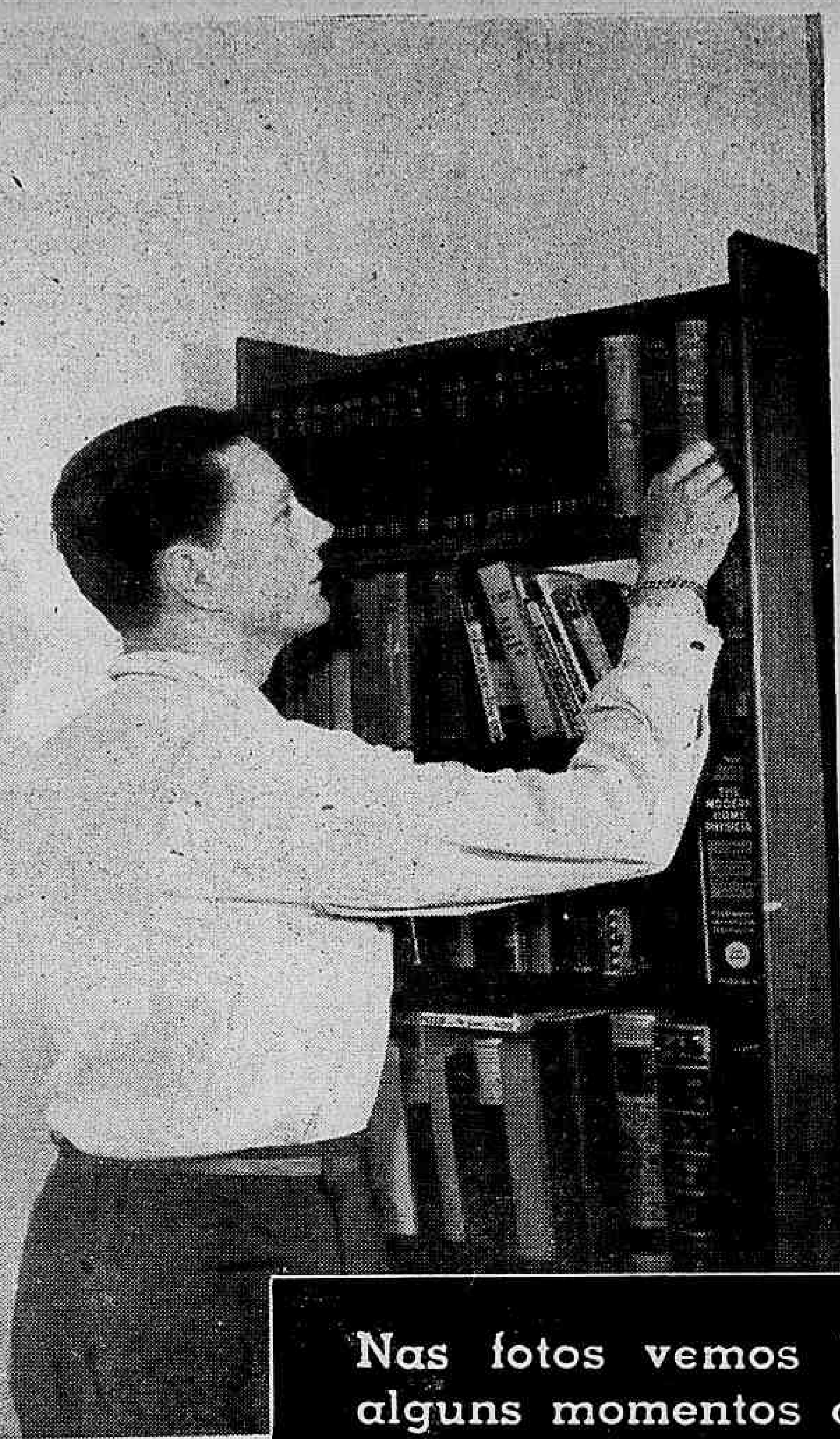
Como qualquer garôto de sua idade, Michael, a despeito da fama de seu pai, frequenta a escola pública da redondesa, e educa-se num ambiente tìpicamente americano, fiél aos princípios de amor, respeito e religião. Na foto acima vemos Charles Boyer, caracterizado, quando nos intervalos de «The 13th Letter» contava a Constance Smith, as últimas de seu garôto Michael.



Em «The Frogman» temos reunidos Dana Andrews, Loyd Bacon e Richard Widmark, na foto acima vemos Dana e Loyd quando analisavam com o consultor naval da película, algumas cenas a serem tomadas em Norfolk.



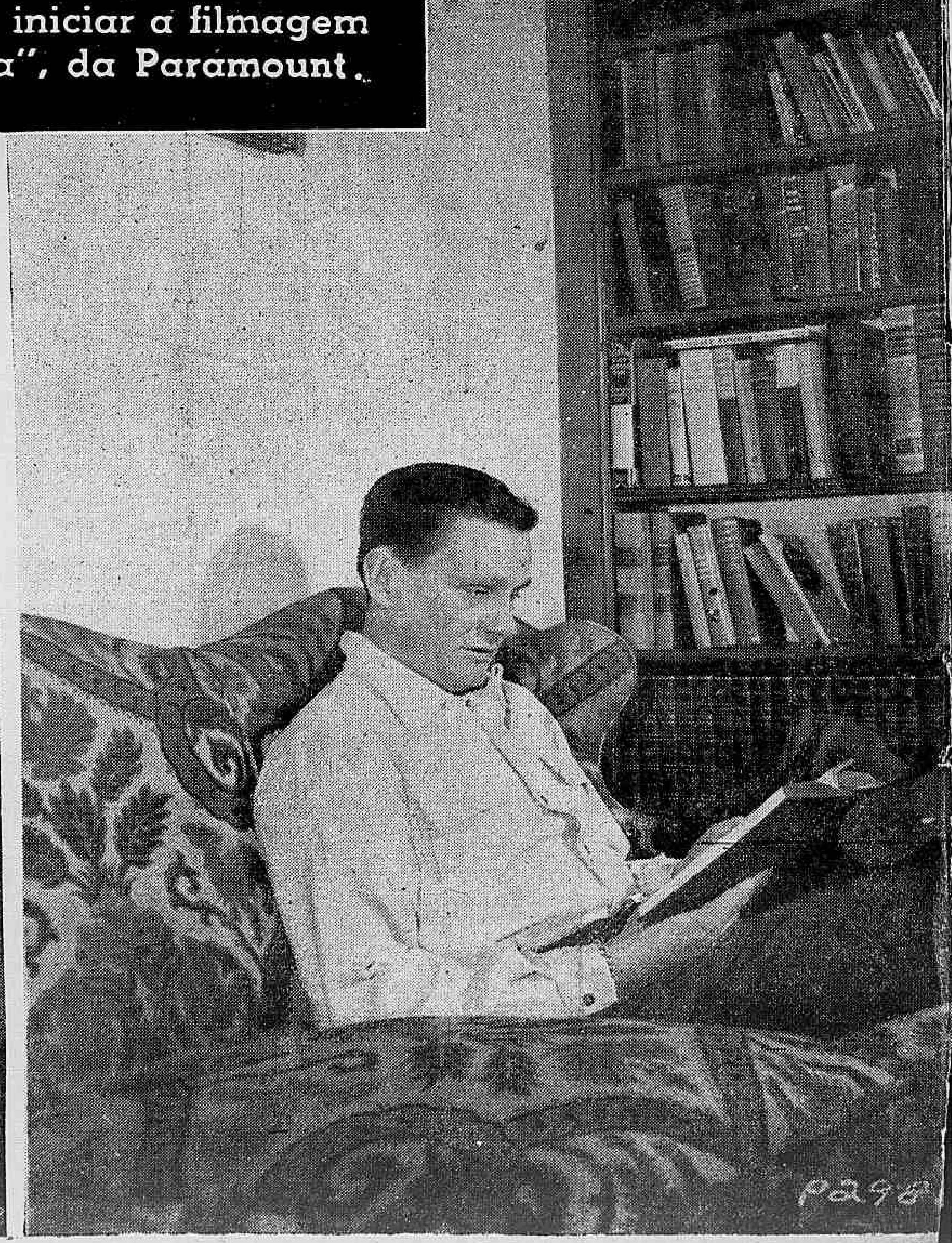
«No Highway» é o título do filme da T.C. Fox, que nos trás de volta James Stewart, o amigo de Harvey. Durante os intervalos de filmagem aqui o vemos contando piadas a Olga Brook, a autora do argumento de «No Highway»

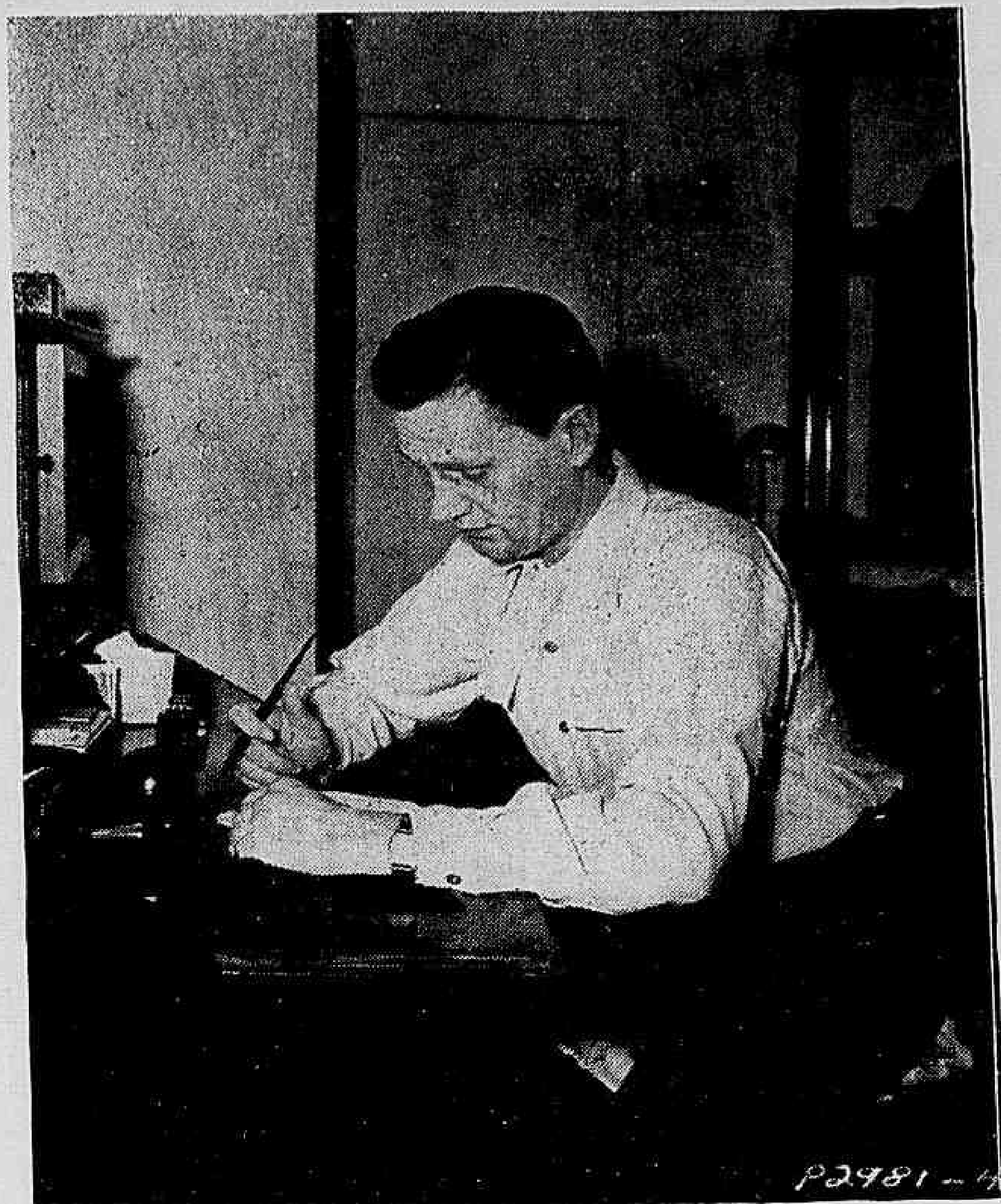




Nas fotos vemos Wendel Corey em alguns momentos de "folga", em sua residência, antes de iniciar a filmagem de "Almas em Fúria", da Paramount.

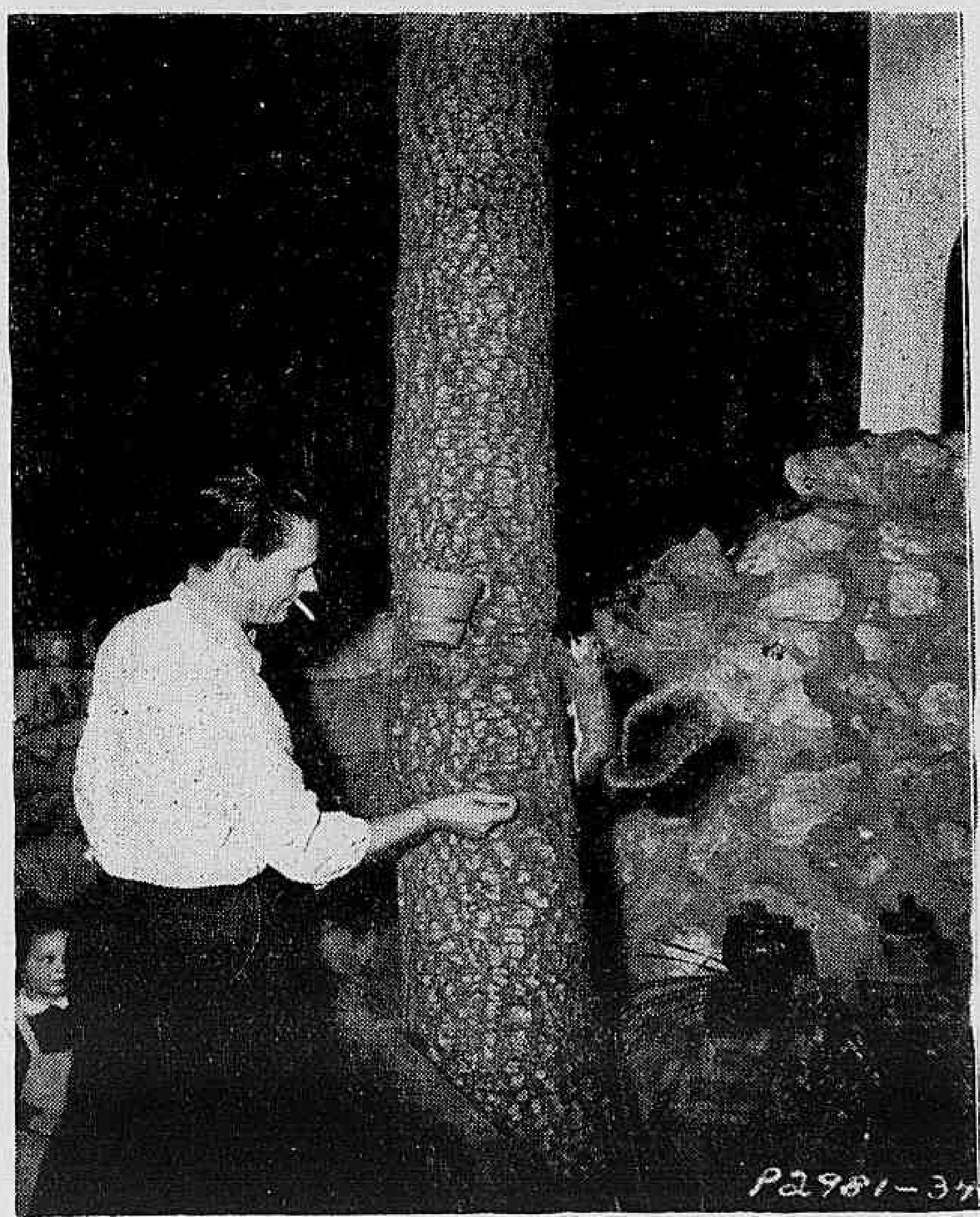






Wendel Corey no lar

A VIDA de um artista não é tão árdua assim como querem muitos nos convencer. A maioria dos astros sempre encontra tempo para permanecer algumas horas em casa, dedicando-se aos seus «hobbies», como no caso de Wendel Corey que, apesar de casado e ser feliz com a espôsa, sempre arranja um jeito de ler, fazer o jardim, tocar piano, escrever cartas e, inclusive, fazer o cultivo da borracha como vemos nas fotos. A não ser que tudo isso seja um truque de publicidade — o que não duvidamos.



A "BELA ÉPOCA" E O CINEMA

De RENÉ JEANNE

(Copyright do S.F.I.)

EMBORA pareça paradoxal, o Cinema recorre cada vez mais à inspiração do mundo das formas imóveis: pintura e escultura. E quer se trate, no domínio desta, de filmes consagrados à obra de Bourdelle ou de Maillo, ou no domínio daquela, de filmes exaltando Van Gogh ou o Douanier Rousseau, Watteau ou Matisse, é uma nova fotogenia que se nos revela: a fotogenia da imobilidade. Isto seria suficiente para pôr em dúvida idéias sòlidamente definidas sôbre o "Cinema, arte do Movimento", se tais filmes não fôssem interessantes, "possíveis", por constituírem exceções.

Encaremos pois como exceção o filme que a obra de Toulouse-Lautrec acaba de inspirar, muito a propósito — nenhum outro filme poderia vir mais a tempo.

Toulouse-Lautrec, nasce em 1864 e morre em 1901. O essencial da sua obra situa-se nos últimos dez anos do século passado, começo dessa época de múltiplos contornos que tem por centro a exposição de 1900 e que, à falta de uma definição precisa, se costuma qualificar de "Bela Época", como se tal epiteto bastasse para tudo. Aliás, que importa? Bela ou não, o encanto desta época subjuga. Desde o fim da guerra, não há mês em que não apareça, na cena ou no écran, uma reconstituição 1900. Tivemos primeiro, *Le Silence est d'or*, de René Clair, a seguir, o ballet *La Grande Jatte*, no qual Lycette Darsonval dava ao "cancan" dos catraeiros de Maupassant entrada nas pranchas da Ópera. Hoje é Jean Anouilh que a evoca em *Colombe*, no teatro Atelier; evocação bastante cruel das sombras de uma grande trágica e de um poeta que podiam muito bem ser Sarah Bernhardt e Edmond Rostand.

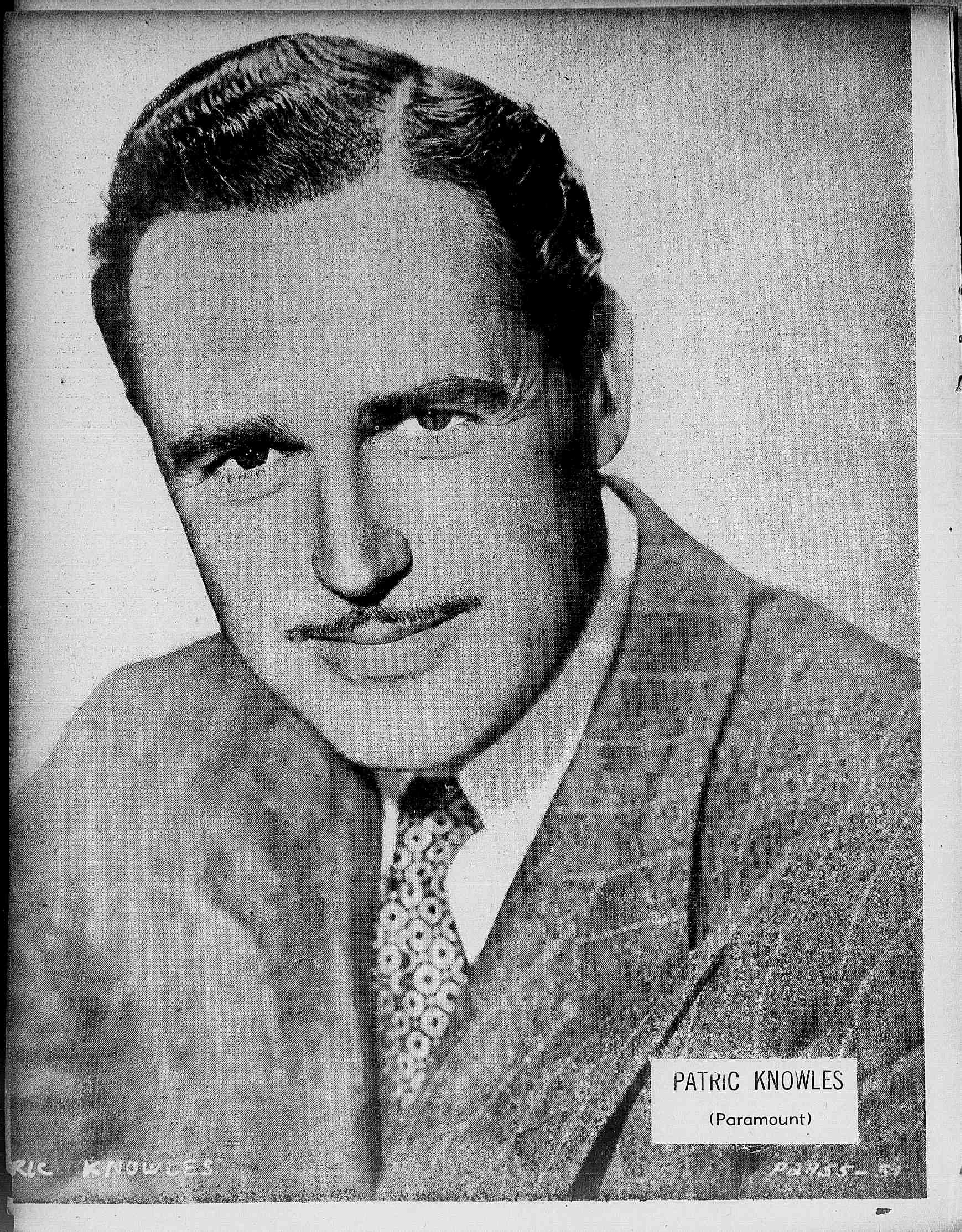
E os filmes de Colette, de *Gigi* à *Ingenue libertine?* E as peças de Armand Salacrou... E os vaudevilles de Georges Feydeau, promovidos no seu cinqüentenário à dignidade de comédias, por obra dos societários da Comédie-Française e da Companhia Madeleine Renaul-Jean-Louis Barrault: *Occupe-toi-d'Amelie* e *Feu la mére de Madame*?... Sem falar de filmes como *La Dame de chez Maxim's*... "Bela Época" para aqui... "Bela Época" para ali... Seria impossivel enumerar tôdas as manifestações do gênero: são muitas!... São muitas e, para aquêles que viveram esta famosa época, não satisfazem muitas vêzes. As aproximações a que recorrem têm muito de receita conhecida; procura-se sobretudo aproveitar, enquanto não passa, uma moda em voga.

Nada disso com o filme *Toulouse-Lautrec*. E' que aqui não se trata da reconstituição, mas da utilização de documentos. E que documentos!... Não o documento fotográfico, mas aquêle que o ôlho do artista surpreende, escolhe e retém sem se deixar enganar. Quando se fala de Toulouse-Lautrec, surge logo a figura esguia de Yvette Guilbert, no seu vestido verde, crina-amarela, longas luvas negras, sorriso de dentes cerrados. Por detrás desta silhueta, como pano de fundo, o Alcazar, o Moulin Rouge, o Palai de Glace, o Cirque Médrano, o Elysée-Montmartre, o Jardin de Paris — todos os lugares onde se dançava, onde se *chahutait* — para empregar o têrmo da época — onde a gente se divertia, ou fazia que se divertia... Mas a obra de Toulouse-Lautrec é apenas feita de cartazes, de litografias, dessas telas onde revive, ao mesmo tempo avacalhada e buliçosa, a gente infinitamente pitoresca da cena, da pista, dos campos de corridas, dos velódromos, dos bares, da "noce" mais ou menos crapulosa. Nem sempre o artista tomou como modelos "clowns" e "jockeys". Anotou com o lápis os campos e os vinhedos de sua província natal como mostrou o esfôrço do homem com a terra. Viu a multidão de Belleville e Ménilmontant e o sofrimento das enfermidades do hospital Saint-Louis.

Êste lado do talento de Toulouse Lautrec é por vêzes esquecido nas obras e álbuns que lhe são consagrados. No filme, é oportunamente lembrada — se bem que com um pouco de complacência demagógica no comentário — pondo em relêvo a oposição entre a crueldade e a piedade de que é feita uma obra de profunda e agressiva personalidade.

E' esta oposição, que em vão se procuraria nas obras teatrais ou cinematográficas que se recomendam da "Bela Época", que ilumina esta época com verdade. Nenhuma reconstituição, por minuciosa e conscienciosa que seja, pode atingir a exatidão e o rigor documental dêste filme composto de uma série de imagens das quais nem uma se reproduz a realidade diretamente. E' que tais imagens são devidas à colaboração de uma vista e de um lápis tão implacáveis um como o outro na interpretação voluntàriamente nua dos homens e das coisas.

Se quisermos fazer uma idéia apropriada da "Bela Época" temos de ver êste filme, cuja projeção não dura sequer vinte minutos.



PATRIC KNOWLES

(Paramount)

INTERCÂMBIO ÍTALO-BRASILEIRO

CHEGA AO BRASIL CAMILLO MASTROCINQUE, DIRETOR ITALIANO ★ 26 ANOS DE CINEMA ★ DIRIGIU 31 FILMES ★ ROSSELLINI, UM FENÔMENO ★ IMPRESSÕES DO CINEMA BRASILEIRO.

A lista de bordo do Constelation que provinha de Roma, trazia entre os passageiros o nome de Camillo Mastrocinque, diretor italiano. Fomos recebê-lo no Galeão e, embora tivesse que partir no dia imediato para S. Paulo, nossa entrevista se revestiu de muita cordialidade:

— Infelizmente, não posso ficar mais tempo no Rio, pois vim ao Brasil a convite da Maristela, tenho de partir amanhã mesmo para São Paulo, onde permanecerei uns 15 dias. Dedicarei parte de meu tempo dirigindo filmes para essa nóvel companhia.

Perguntamos a Mastrocinque se sabia alguma coisa a respeito do cinema brasileiro. E êle nos respondeu:

— Tudo o que posso dizer é que o Brasil, ou, antes, o cinema brasileiro é completamente desconhecido na Europa. Mas, ùltimamente, fala-se com muita insistência em suas possibilidades de tornar-se o maior centro produtor de filmes da América Latina. E, sem dúvida alguma, um intercâmbio para produzir-se filmes em co-produção com países estrangeiros muito o auxiliará. Agora, mais do que nunca, o momento é oportuno — e não se deve deixar passar essa oportunidade.

Mastrocinque, com cinquenta anos de idade, é um homem forte e com grande energia, com vontade e capacidade para o trabalho. Enquanto o carro desliza pela Avenida Beira-Mar em direção ao Copacabana Palace, êle continua falando:

— Gostaria muito de filmar no Brasil. Dois assuntos aqui me fascinam: os bandeirantes e o café. Uma história sôbre os cafezais seria de bastante interêsse, não só para o Brasil como para o mundo inteiro.

DADOS BIOGRAFICOS

Camillo Mastrocinque nasceu em Roma em 1901. Estudou na Academia de Belas Artes de Roma e naturalmente na Escola Superior de Arquitetura, onde obteve o diploma de arquiteto. Começou como tal as suas atividades cinematográficas, colaborando no filme «Ben-Hur» que a Metro Goldwyn Mayer realizou na Itália em 1924. Dedicou-se à atividade de cenógrafo teatral, à ilustração de livros e revistas e contemporâneamente à organização de um original teatro de marionettes italianas com as quais alcançou grande sucesso em tournées pela Itália, França e Inglaterra. Estabeleceu-se em Paris em 1930, realizando uma série de filmes de curta metragem (Fantasias Sonóras) e foi colaborador de Lazare Meerson (cengrafo de René Clair) e assistente dos maiores diretores italianos e franceses daquêles anos. Nesta qualidade trabalhou até 1935, para, finalmente, atuar como diretor na Itália, em 1936, com a sua primeira direção, depois de uma sólida preparação técnica. A paixão artística, que desde os primeiros anos de sua mocidade o tinha levado à improvisação de ator, diretor de companhias juvenís, cenógrafo e figurinista, unida aos severos estudos e ao tempo de «aprendizagem» como assistente, o conduziram ràpidamente à notoriedade e ao sucesso. Muito apreciado pela sua camaradagem com os artistas, muitos dos quais entre os mais famosos, foram por êle «lançados», amigo e encorajador dos jovens, tendo êle mesmo participado como ator no filme «Em nome da Lei», provando, num dificil desempenho de caráter, um equilibrio que lhe valeu um grande sucesso.



«O Brasil apresenta grandes possibilidades de tornar-se o maior centro produtor de filmes da América Latina» — declara o diretor italiano à nossa reportagem. — (Foto NODCI)

FILMES

Com sua simplicidade cativante, Camillo Mastrocinque fala de seus filmes:

— Já dirigi 31 filmes, dos quais os principais são «Rainha de Scala», «Quero viver com Leticia», «A dança dos milhões», «Don Paschoalle», «Ride Pagliacci», ambas estas últimas extraídas da ópera do mesmo nome e premiadas em Veneza em 1940 e 41; «Maridos», «Último Baile», «Fedora», «A Rua do Coração» — premiada em Veneza em 1942 —, «A Estátua Viva», «O Cavaleiro do Sonho», «Perdidos na Escuridão» — que se apresentou no Festival de Canes em 1947 — «Duelo sem Honra», «Les Chois des Anges», numa co-produção ítalo-francesa, e finalmente «Os inexoráveis», ainda não exibido no Brasil.

DIRETORES

Perguntamos a Mastrocinque quais os seus diretores favoritos na América do Norte. Êle respondeu simplesmente:

— Lubischt.

— E quanto aos diretores italianos?

— Admiro e aprecio muito a obra de Augusto Genina, que, aliás, foi meu mestre. Considero Vittório de Sicca um grande diretor, pelo seu filme «Ladrões de Bicicletas».

Aventuramos uma pergunta:

— E que nos diz de Rossellini?

— Rossellini é um fenômeno.

— Em que sentido?

— Ninguém o compreende direito. Sua obra é disforme. Gostei imensamente de «Roma Cidade Aberta» e «Paisá». Mas foi só. «Strômboli» foi um fracasso, e «Francisco de Assis» é um filme medíocre.

— Mas você não aprecia Rossellini?

— Sim, de certa forma. Considero Rossellini um grande cronista da câmera, um repórter cinematográfico. Êle consegue documentar fatos e acontecimentos. Você também não acha?

Pensamos um pouco, não muito. E respondemos:

— O que mais apreciamos em Rossellini é... Ingrid Bergman!

OBSERVAÇÕES:

Mastrocinque fe-nos muitas perguntas a respeito do cinema brasileiro. Seu interêsse o absorvia completamente, agora que iria filmar conosco. Queria saber se tinhamos bons atores. Respondemos-lhe que sim, que nossa gente tinha sangue de artista nas veias. Mastrocinque concordou:

— Em verdade, acho que o bom desempenho de um ator depende, em grande parte, da direção recebida. O diretor tira de dentro do artista o que êle pode dar.

O carro parou à porta do Hotel. Despedimo-nos. Camillo Mastroncinque prometeu-nos uma entrevista mais demorada e uma visita com mais vagar a esta cidade que êle adorou, de passagem. No dia seguinte, pela manhã, tomou o avião com destino a São Paulo, rumo a Maristela.

COLUNA DO FÃ

POR QUE NAO SE FAZER, AQUI, A MESMA COUSA?

Nesta terra encantadora, todos progridem, menos o nacional.

E por que?

Porque o brasileiro, quero dizer, o artista nacional nasceu para sofrer.

O artista brasileiro, em geral, é um pária, um desprezado.

Quero focalizar, aqui, de modo expressivo e sincero, sem o colorido do artificialismo, o caso da música popular, que é, sem dúvida alguma, dois mais chocantes.

O compositor brasileiro, principal o de música popular, encontra, por parte de todos, os mais terríveis obstáculos.

E por que isso?

Porque os nossos homens públicos, nunca souberam avaliar, aquilatar a dificuldade do pão nosso de cada dia.

Na Argentina, tudo é ao contrário.

Lá, o govêrno exige que se prestigie o artista filho da terra.

Que nas estações de rádio, nos teatros etc., haja 70% de produção do artista nacional — argentino.

Aqui, nesta terra hospitaleira, é o contrário, as estações de rádio, os teatros etc., dão preferência à música estrangeira: rumbas, boleros e outras coisinhas mais.

E' de estarrecer!...

E como sanar essa falta de patriotismo, de desigualdade?

Fazendo um decreto executivo ou legislativo regulando a questão, pondo côbro a imoralidade dêsse jaez.

Do contrário, o compositor de música popular passará a andar de tangas, ou terá de fazer tangos para não morrer de fome.

E' esta a configuração real da música popular brasileira.

E, por que não se fazer, aqui, a mesma cousa?

NOEL MACHADO — (Rio)

«O DOCUMENTARIO E A FOTOGRAFIA NO CINEMA BRASILEIRO»:

O cinema divide-se em vários gêneros, como: o drama, a comédia, o desenho animado e muitos outros. Pois bem, no Brasil há um que se destaca pelas suas características arrojadas e empreendedoras, é o documentário, tanto de longa como de curta-metragem.

Por sua vez um filme qualquer é composto de várias partes, como a interpretação, a direção, a música, etc., que reunidos formam a película, dependendo o sucesso desta daqueles fatores. Em nosso país firmou-se sobremaneira a fotografia.

No gênero documentário de curta-metragem tivemos a oportunidade de assistir no ano passado a uma verdadeira obra-prima: PAINEL, de Lima Barreto, realizado pela Cia. Cinematográfica Vera Cruz. Foi êste documentário baseado no Painel de Cândido Portirari, o grande pintor brasileiro, e premiado no III Festival de Curta-Metragem, no Rio de Janeiro em 1950.

Do mesmo Barreto já foi exibido SANTUARIO, filmado em Congonhas do Campo e teremos o semi-documentário O CANGAÇEIRO. E' êste contratado da Vera Cruz o melhor diretor brasileiro daquela companhia (Cavalcanti era produtor), muito seguro de si mesmo, de uma fibra extraordinàriamente dinâmica e empreendedora, digno dos maiores elogios.

Não é nosso propósito escrever sôbre cada obra exclusivamente, e sim ressaltar a notável perícia e destreza dos brasileiros neste curioso gênero que é o documentário.

Homens como o mencionado Lima Barreto, Gentil Vasconcellos, famoso realizador de SERTÃO, Milton Rodriguez, Paulo Burle, Fouá Anderáos e outros dão provas de uma capacidade simplesmente notável.

Não temem êstes bravos diretores nem aos selvagens brasileiros, isto é, os índios. Genil Vasconcellos e Paulo Burle; um em Sertão e outro em BRASIL DESCONHECIDO, afrontando os maiores perigos possíveis conseguiram nos trans-

(Cont. na pg. 23)

Contra o esgotamento físico e mental!
VINHO DA VIDA
VINOVITA
RENOVADOR DAS FÔRÇAS
Tônico poderoso
LAO

DESVENDADO O. . .

(Cont. da pág. 5)

Como vê, meu caro amigo, não há mistério em tôrno da minha vida. Nunca tive oportunidade de fazer tais declarações porque existem algumas pessoas que por questões individuais me atacam. Fico triste com essas coisas porque não faço mal a ninguém. Fui marujo de um navio mercante, tenho espírito aventureiro. E acho que a única coisa que me tolhe de ser mais desprendido são meus pais."

Orlando despediu-se do repórter no viaduto do Chá. Saímos satisfeitos, certos de têrmos desvendado o "mistério" que envolvia a sua figura e que o mantinha afastado de sua enorme legião de admiradoras.

O PUBLICISTA . . .

(Cont. da pág. 11)

rando. Proteger os interêsses dos capitalistas produtores, distribuidores, exibidores. O pior é que o que se passa fora dos anúncios e das notícias, das chapinhas e dos artiguetes... O patrão quer o anúncio *assim* e *assado*, da maneira mais cretina possível, e as notícias dêste modo e daquele... Bom, a gente obedece. O patrão deseja que haja muita propaganda, a maior e a melhor possível, mas sem gastar níquel, uma propaganda bem baratinha, poupando para prosperar. A gente se desdobra pensando no aumento de cinqüenta cruzeiros do fim do ano, e na prometida viagem de férias à Quinta da Boa-Vista... E o que sucede? Se o filme rende bem, dobra semanas, quebra recordes de bilheteria, mesmo que seja uma *droga*, o publicista passa por não ter cooperado em nada, por não ter feito mais do que a obrigação, o que ainda é pouco aos olhos do patrão, gringo ou nacional. Mas se o filme, mesmo sendo uma *droga*, e mesmo se houve ordem para gastar rios de dinheiro, ou restringir a propaganda ao denominador mais simples, realiza uma bilheteria péssima (o que não é raro, tendo em vista a produção e a exibição em massa, em série...) o publicista é o culpado. E, coisa engraçada, o desgraçado sofre as iras do patrão, dos chamados críticos e do público pouco compreensivo...

NO PRÓXIMO NÚMERO: — 2ª parte de "O Publicista, êsse condenado".

CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer
Juventude Alexandre
BELEZA & VIGOR DOS CABELOS

A "LUSO FILMS" apresenta



FADO
HISTÓRIA DUMA CANTADEIRA

Amalia RODRIGUES
VIRGILIO TEIXEIRA
VASCO SANTANA · ANTONIO SILVA

SEGUNDA-FEIRA

PRESIDENTE FONE 42-7128
SÃO JOSÉ FONE 42-0597
COLISEU FONE 29-8755
MEIER FONE 29-12..

ITÁLIA

(*Cont. da pág.* 16)

de Mássimo Serato e Folco Sulli, "Amore e Sangue", sob a direção de Marino Girolami.

Continuam em andamento os trabalhos finais, em Turim, para o término de "Arrivano i nostri", filme que trará em seu elenco os nomes de Siliana Billi; Guglielmo Bernabó, Diana Dei e Franca Marzi, uma linda morena, que fará o papel de uma "vamp" no citado filme.

★

Ana Maria Pierangeli e John Ericson, são os protagonistas de "Thereza", uma película que foi rodada parte na Itália e parte nos Estados Unidos. Após uma prolongada busca por tôda a península, foi finalmente escolhida Ana Maria Pierangeli, a estrêla de "Domani é troppo tardi", para o papel principal de "Thereza", que con'a a história de um soldado americano destacado para servir na Itália e que se apaixona por Thereza. jovem e linda italiana.

O CASAMENTO DE...

(*Cont. da pág.* 12)

de uma família em que não é feliz. Marc sabe tudo isso e considera uma tolice.

Sou muito velho para ela, diz Aubière. Marc protesta. Porque Marc e Aubière são quase da mesma idade. Aubière tem quarenta anos e é um excelente cavalheiro. Marc tem trinta e sete e é um apaixonado da aviação, que está no seu começo e é uma escola de audácia e de coragem.

Marc considera-a, com despeito, uma tôla. E' que no espírito de Marc opera-se, sem que êle dê por isso, uma mudança. Inconscientemente ama a sua sobrinha.

Não tem ciúme de Aubière. E' mesmo o seu melhor defensor, e vê-lo-emos, mais tarde, elevar-se contra um pretendente da província com quem casar Chiffon.

As probabilidades de Aubière, que se tinha afastado e reaparece, aumentam. Mas Marc sente então pela sobrinha um ciúme cruel.

Chiffon não deixa-o sofrer muito tempo. Diz-lhe ingênumante o seu amor, de que deu bastan'es provas no decorrer desta história.

Aubière, amigo leal, cede o lugar.

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇAO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda, também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

COLUNA DO FÃ

(Cont. da pág. 22)

mitir em seus filmes todos os mistérios, hábitos e costumes da população indígena.

Pela visão que nos trazem as suas câmeras, tomamos nós mesmos conhecimento de tudo que se refere àqueles temidos habitantes das matas brasileiras. Há instantes de cinema que nos causaram uma viva impressão, como a caça da anta ou a indiazinha brincando com o filhote de jacaré em Sertão e os índios dançando ao som de uma marchinha carnavalesca em Brasil Desconhecido. São cenas que permanecerão guardadas em nossas memórias por muito tempo.

Atravessam êles selvas desconhecidas, transportam maquinárias em possantes aviões, barcos velozes ou lentas canoas, em lombos de burros ou simplesmente a pé, apenas para transmitir ao grande público das cidades civilizadas o que se passa a quilômetros e quilômetros de distância. Tudo isto é digno de ser citado um milhão de vêzes e aplaudido por todos. Êstes homens, porém, sempre recebem a compensação para os seus tremendos esforços; por exemplo: o notável cinegrafista, diretor e produtor Genil Vasconcellos viu-se grandemente recompensado com os prêmios por SERTÃO em Zurich, Cannes, Paris e Veneza e pelo sucesso alcançado em tôdas as platéias mundiais pela sua arrojada produção.

De Milton Rodriguez tivemos O BRASIL NO IV CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL e JOGOS DA PRIMAVERA, realizações muito bem cuidadas e com esplêndidas reportagens esportivas, foram de fato documentários ambiciosos e bem recebidos pelo grande público.

Theodor Luz nos deu o filme CARAÇA, realizado no imponente colégio do mesmo nome pela Orbis Filmes, emprêsa mineira. Foi um retrato fiél dos acontecimentos verificados entre os padres e os alunos do famoso seminário. Caraça deve ser enquadrado entre os melhores filmes semi-documentários aqui exibidos.

Enfim, é o documentário um gênero que conseguiu vencer no Brasil, firmando-se no vasto conceito das camadas públicas, principalmente a crítica, que rendeu-se inteiramente, o que é extremamente dificil. Não meçam esforços, bravos realizadores brasileiros para dar ao povo obras que afirmem a pujança e o progresso de nosso país!

Vejamos agora o que se passa em outro ramo de nosso cinema: a fotografia. Com os últimos filmes exibidos notamos uma certa melhoria técnica, destacando-se quase sempre uma fotografia limpa e de grande beleza cinematográfica. Tanto, Edgard Bras'l em A SOMBRA DA OUTRA, como Chic Fowle em CAIÇARA, Ruy Santos em ESTRÊLA DA MANHÃ ou Mário Pagés em QUANDO A NOITE ACABA fizeram trabalhos heróicos que ultrapassaram as mais otimistas espectativas.

Tanto a natureza como os interiores são sempre bem fixados pelas câmeras que se movimentam em tôdas as direções procurando os melhores ângulos.

Nos dois recentes festivais mundiais, do Uruguai e da França, a fotografia brasileira foi comparada à dos mexicanos que são peritos nesse mister, porém com um sentido mais vibrante, mais marcante.

No recente filme TERRA, SEMPRE TERRA, a fotografia alcançou aquilo que se pode chamar de ponto máximo. Cenas como a que Abílio Pereira de Almeida atira uma porção de vinho no delicado rosto da atriz Marisa Prado, com o liquido esparramando-se na parede e na atriz citada é impressionante, assim como a do beijo que o correto ator Mário Sérgio dá em Marisa Prado é inesquecível.

Os recursos que possuimos por êste Brasil afora são inúmeros e apenas esperam o momento de ser descobertos pelos grandes fotógrafos do país. São êsses mestres tão perfeitos na transmissão das imagens que captam, que é impossível distinguir qual o supremo; todos são impecáveis, insuperáveis; transformando tudo que seus olhos vêem na mais pura poesia feita cinema.

Nosso dever é o de encorajá-los e estimulá-los para que prossigam realizando o belo trabalho que até os dias de hoje tem feito, deliciando as mais renomadas platéias com sua arte diferente, a arte da fotografia.

E' pelo elevamento do nome do Brasil, que tanto os fotógrafos, como os realizadores de filmes documentários devem continuar nesta caminhada vitoriosa para a fama e a perfeição. São os nossos votos.

CARLOS ALBERTO DOMINGUEZ CONRADO (Rio)

A MAIOR EQUIPE

DE CRONISTAS, TÉCNICOS E DIRIGENTES
JÁ REUNIDA NA IMPRENSA ESPORTIVA

PRODUZIU

O ANUÁRIO DO ESPORTE Ilustrado

de 1951

TUDO SÔBRE FUTEBOL

E TODOS OS ESPORTES AMADORISTAS

80 PÁGINAS
FARTAMENTE ILUSTRADAS!

CR$ 10,00 em todo o Brasil

Pedidos, mediante vale do Correio ou reembôlso postal, à
CIA. EDITORA AMERICANA — Rua Maranguape, 15 — Rio.



RHONDA FLEMING
(Paramount)



O QUE VAI PELA BROADWAY

por JACKSON FLORES

NEW YORK — O cinema Paramount conseguiu esta semana reunir num só programa os nomes de Ava Gardner e Frank Sinatra, cujo romance tem sido prato predileto dos cronistas de Hollywood. Posso assegurar aos leitores, porém, que Sinatra não está nada entusiasmado com essa reunião, porquanto Ava Gardner está perdidamente apaixonada por Robert Mitchum e Frank, por sua vez, anda ocupadíssimo com Dagmar, uma louríssima criatura descoberta pela televisão da NBC. Essa história pode não fazer senso aos leitores, mas é justamente o que está acontecendo no cinema Paramount, que está exibindo na tela "My Forbidden Past", com Ava Gardner, Robert Mitchum e Melvin Douglas, enquanto que, no show do palco, Mr. Frank Sinatra comove o público feminino e Dagmar provoca assobios dos "barbados".

★

"My Forbidden Past" é uma história de intrigas que, para ser interessante deve ser complicada e para tornar a coisa mais confusa o melhor mesmo é buscar um ambiente do século passado, de preferência um local sombrio como a cidade de New Orleans. Ava Gardner está mais bela e sedutora do que nunca; além disso, desempenha-se com eficiência do seu papel. Robert Mitchum compõe aquêle seu tipo bastante conhecido de indiferente e duro e Melvin Douglas, no papel de um sujeito intrigante, completa o elenco principal. A película agrada e Ava consegue muito mais do que isso. Frank Sinatra, cujo prestígio andou abaladíssimo no ano passado, entrou na fase da reabilitação como atesta o sucesso do seu show semanal na televisão da CBS e, agora, com as quilométricas filas que amanhecem na porta do cinema Paramount. Ainda no show estão Joe Buskin e sua orquestra e a sensacional Dagmar.

★

Por razões que desconheço, Hollywood se tomou de amôres pelos touros e o resultado dessa paixão se traduz em duas películas taurinas: "The Lady and the Bullfighter" e "The Brave Bulls".

★

O cinema Capitol encarregou-se de estrear "The Lady and the Bullfighter", que é uma produção de John Wayne, distribuída pela Republic Pictures, com Robert Stack e Gilbert Roland nos papéis principais. O diretor Budd Boetticher conseguiu transformar uma história simples num espetáculo soberbo e excitante, que conta com uma excelente interpretação de Robert Stack, provàvelmente a melhor de tôda a sua carreira. Assim mesmo, é a Gilbert Roland que cabem as honras do filme, na sua honesta e humana interpretação de Manolo Estrada. Espetaculares cenas de touradas, filmadas no México, concorrem para dar maior colorido à história dessa película. No show do palco o sr. Gordon Jenkins, famoso compositor e arranjador norte-americano, liderando uma orquestra de 50 músicos, faz propaganda das suas músicas.

★

"The Brave Bulls", estreado no cinema Rivoli, tem a seu crédito dois nomes que inspiram confiança: o diretor Robert Rossen e o ator-diretor Mel Ferrer. Além de Ferrer, "The Brave Bulls" conta com Anthony Quinn e apresenta em diversas cenas famosos toureiros mexicanos. Essa película tem uma história bastante interessante a contar, o que Robert Rossen consegue com autoridade, auxiliado eficientemente por boas interpretações de Mel Ferrer e Anthony Quinn. Os de mais elementos do elenco estão num plano bastante equilibrado. "The Brave Bulls" teve as suas cenas exteriores filmadas numa famosa praça de touros no México, o que imprime maior honestidade à atmosfera dessa película.

★

Coube ao cinema Strand lançar o filme violento da semana, com a estréia de "Only the Valiant". Êsse "tiroteio" de classe é estrelado por Gregory Peck, no papel do capitão que desobedece as ordens do coronel e enfrenta os índios. Barbara Peiton e Ward Bond figuram no elenco e, com tanta carnificina, o filme, naturalmente, só poderia ser em tenicolor.

★

O Roxy, que é um dos cinemas mais simpáticos da Broadway, estreou esta semana "Follow the Sun", uma produção da Twenty Century Fox. Essa película conta a vida de Ben Hogan, considerado como um dos melhores golfistas profissionais, cuja carreira parecia ter encerrado-se em 1949, quando Hogan foi vítima de um sério acidente de automóvel. Ben Hogan, porém, que é um dêsses espíritos fortes, não se deixou abater e à custa de sacrifícios e fôrça-de-vontade conseguiu recuperar-se e em 1950 fêz uma sensacional e vitoriosa "rentrée" nos campeonatos de gôlfe. Glenn Ford tem uma interpretação equilibrada e honesta no papel de Ben Hogan e Anne Baxter, como sua espôsa, desempenha-se satisfatòriamente da sua missão. Mesmo para os que não apreciam ou não entendem o jôgo de gôlfe, "Follow the Sun" é um filme interessante e absorvente.

★

Anotem para quando for exibido aí: "My Forbidden Past", com Ava Gardner e Robert Mitchum, e "The Lady and the Bullfighter", com Robert Stack e Gilbert Roland. A magnífica interpretação de Roland, é uma razão bastante forte para que assistam a êsse filme. "Follow the Sun" também merece ser visto.

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE:...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTE PRODUTOS DA MULTIFARMA

EUTRICHOL ESPECIAL

Faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva. Não contém nitrato de prata ou outro prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo não o deixando quebradiço. Pode[illegible] indefinidamente [illegible] seu uso [illegible] cabe[illegible] [illegible] acabar [illegible] primeiro vidro seu cabelo estará completamente revi[illegible]rizado, tendo voltado portanto à [illegible] natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas panos cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

Exigir a embalagem verde.

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 76 — 2º
São Paulo
Remessa pelo Reembolso Postal

✶

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua o Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Telas da Cidade

COTAÇÕES
1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

ETERNA ILUSÃO

(Rendezvous de Juillet — França Filmes)

DIFÌCILMENTE um original literário alcançará tão alto valor cinematográfico como êsse de Maurice Griffe. Porque, em verdade, aqui não há pròpriamente uma história, com um princípio e um fim. "Eterna Ilusão", por isso mesmo, submeteu-se à uma adaptação difícil, pois seu enrêdo não obedecia à um roteiro traçado com objetivos visados, com a inclinação sistemática de fabricar situações, que quase sempre obedecem ao impulso criador, delimitando a história para um "acontecimento". Jacques Beker pode orgulhar-se de ter realizado um filme cem por cento, sob todos os pontos-de-vista. Sua cenarização é das mais inteligentes que temos visto, os diálogos (também de sua autoria) são dos mais sinceros e inteligentes, no que concerne à simplicidade, à naturalidade das palavras, tudo matemàticamente dentro da medida exata não só do pronunciamento como do sentimento e do sentido de cada frase.

Jacques Beker revela-se aqui um perfeito fotógrafo — fotógrafo de uma geração. Sua câmara apanha, numa velocidade espantosa, um instantâneo insofismável da geração moderna, do mundo de hoje. Não há tremores, em sua chapa, não há claros-escuros para rebuscar efeitos, não há contrastes forçados, não há o prévio propósito de obter angulações vistosas, não há, sobretudo, qualquer indício de indecisão. E o resultado é que nos apresenta um espelho limpo e fiel, como se estivéssemos, nós, da nova geração, vendo-nos a própria imagem, no reflexo do outro lado. Porque os problemas da mocidade moderna são os mesmos, quer êles sejam focalizados nas figuras de Christine, Lucien, Therése, Guillaume, Levase, François, Pierrot ou Roger. Os sentimentos que cumulam suas almas jovens, cheias de vida e entusiasmo, prontos a deixar-se abater ao mais leve toque da adversidade, são os mesmos sentimentos que nós, aqui fora, procuramos vencer. Os ideais daqueles jovens, seus conflitos íntimos, seus casos amorosos, seus divertimentos, não os desviam tanto assim, como julgam certos pais conservadores, de seus verdadeiros propósitos.

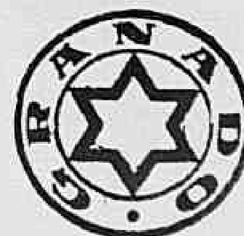
Porque "Eterna Ilusão" (título mal escolhido) vem provar que nem tudo está perdido com relação aos anseios dos jovens parisienses, visìvelmente influenciados pelo americanismo, com suas concessões amorosas, sua música de jazz, seus jipes anfíbios, seus chicletes. Acima de tudo isso, e porque isso é necessário à vida, é próprio da juventude, paira em alguns dêles um objetivo, um ideal a ser cumprido. Apesar de aparentemente inconseqüentes, êles têm uma mentalidade, ainda que esta mentalidade tenha sido formada num mundo que se rasga aos pedaços e que tenta se reconstruir. E êle será reconstruído, certamente, por esta nova geração, cheia de lampejos, viva e eloqüente, mas cheia também de sonhos e esperanças que procuram cumprir.

Embora não haja uma história, pois o filme nos pareceu mais um documentário de sentimentos, um documentário da vida dos jovens parisienses — as imagens encerram em si, várias histórias, cada um vivendo o seu problema que, finalmente, converge para o mesmo fim. As situações estão engenhosamente ligadas e os tipos que desfilam diante de nossos olhos, são reais e humanos, graças ao talento evidente de Becker. O melhor do elenco é, sem dúvida, Daniel Gélin (de "Conflitos de Amor"), seguido de perto por Brigite Auber. Mas todos estão firmes e sólidos em seus tipos: Bernard La Jarrige, Louis Seigner, Philipe Mareuil, Pierre Trabaud e, inclusive, Nicole Courcel, bem melhor do que em "Paixão Abrasadora". Mas o filme não vale pelas interpretações, que são ótimas, evidentemente, mas antes pelo documento que Becker fixa, com seu inegável talento de saber tratar, com o devido cuidado, os assuntos sàbiamente escolhidos. Esplêndida a fotografia de Claude Renoir e boa a música de Jean Wiener. Deve ser assistido por todos, jovens e adultos.

Cotação artística: 4 — *Cotação comercial: 3½*







JOÃO FREY



RODOLFO MAYER

(Foto Ávila)



CARLOS COTRIM

(Foto Ávila)

DISCOS

COTAÇÕES: DE 1 A 5 PONTOS

FRANKIE

O PROGRESSIVE JAZZ



como o nome indica, é um estilo modernista de se executar o jazz, cuja base é o emprêgo de «Sextas» em acordes dissonantes e atonais. Antes de Stan Kenton, já Woody Herman nos apresentara arranjos dissonantes e até Igor Stravinsky, o renovador da música de classe, chegou a escrever especialmente para a orquestra de Jaz de Woody Herman o seu «Ebony Concêrto». Porém a reforma total dos moldes antigos para o jazz atualizado, ou melhor diriamos — o jazz do futuro — pertence mesmo a Stan Kenton que, segundo Stravinsky, está adiantado em dez anos aos demais chefes de orquestra. Ao gravar «Come back to Sorrento», a célebre melodia de Ernesto de Curtis, a orquestra de Stan Kenton apresentou-se com a seguinte constituição: — PISTONS: — Ray Wetzel, Buddy Childers, Chico Alvarez, Johnny Anderson, Russ Burgher. — TROMBONES: — Kai Winding, Bart Varsalona, Fred Zito, Mil Kabak. — SAXES: — Vido Musso, Bob Gioga, Boots Mussulli, Bob Cooper, Al Anthony. — PIANO: — Stan Kenton. — GUITARRA: — Bob Ahern. — CONTRABAIXO: — Eddie Sanfranski. — BATERIA: — Shelly Haune.

OS CARIOCAS

Tim-Tim-Por-Tim-Tim (Samba) — Cotação: 3
Caminho Errado (Samba) — Cotação: 2.

A primeira face dêsse disco é sem dúvida muito gostosa, cantada com muito rítmo pelo conjunto vocal «Os Cariocas» Cadência, harmonia e precisão, num arranjo saboroso e boa interpretação, fazem dessa composição de Haroldo Barbosa e Geraldo Jaques, um samba apreciável.

A outra face, de autoria de Paulo Marques e Ismael Neto, obedece um ritmo mais lento. O conjunto demonstra as mesmas qualidades, mas «Tim-Tim-Por-Tim-Tim» resulta mais satisfatório. Somando as duas faces e tirando-se a média, obtém-se um disco bom.

JO STAFFORD

In The Still of the Night (Fox) — Cotação: 3,1/2
Ev'ry Dai I Love You (Fox) — Cotação: 3

Jo Stafford possui, indiscutivelmente, uma das vozes mais agradáveis do repertório norte-americano e seus discos constituem, invariàvelmente, um sucesso. Nesse disco, acompanhada da orquestra melódica de Paul Weston, ela canta admiràvelmente a melodia de Cole Porter, do filme «Rosalie». Na outra face, cantando a melodia de Styne e Cahn, do filme «Two Guys From Texas», ela revela a mesma segurança, num delicioso rítmo e com uma interpretação pessoal, que só ela sabe dar. O acompanhamento de Weston, como sempre, excelente.

NOTAS

Mais três gravações de «Jalousie» acabam de ser editadas: a primeira, com Billy Butterfiel, com excelente sólo de piston; a segunda, cantada por Clark Dennis, e a terceira pelo notável colored Billy Eckstine. ★ Alvino Ray, exímio guitarrista, gravou para a Capitol «Guitar Boogie» e «Midnight Masquerade». ★ «Ciúme» é o título do delicioso melódico posto na cêra por Budy Clark, com Ted Dale e orquestra ★ «Abrazame Asi», bolero, teve diversas gravações com renomados cantores, mas John Paris continua superando todos êles. Gravação R.C.A. ★ E vale a pena adquirir o «Star Dust» de Billy Butterfield.

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

CONTENDO ENTRE MIL E UMA ATRAÇÕES:

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANETA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano. CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantís e deslumbrantes páginas coloridas.

★

E, ATENÇÃO! — Além da organização católica no Brasil, o histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas na nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".

★

À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL
P R E Ç O : — Cr$ 20,00

★

ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.

★

CIA. EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
— RIO DE JANEIRO —

Melodias para você

AI MOURARIA

Fado de Frederico Valério e Amadeu do Vale. — Gravação de Olivinha Carvalho

Ai! Mouraria
da velha rua da Palma
Onde eu um dia
Deixei prêsa a minh'alma
Por ter passado mesmo ao meu lado
certo fadista
De côr Morena, bôca pequena
e olhar trocista.
Ai! Mouraria
do homem do meu encanto
que me mentia
Mas que eu adorava tanto
Amor que o vento como um lamento
levou-o consigo
mas q'inda agora
e a tôda hora trago comigo.

(*Refrain*)

Ai! Mouraria
dos rouxinóis dos beirais
Do vestido côr-de-rosa
dos pregões tradicionais
Ai! Mouraria
Das procissões
a passar
da Severa
A voz saudosa
da guitarra a soluçar.

★

ME ACUERDO DE TI

Blue de Gonzalo Curiel. — Gravação de Adelina Garcia

I

Si tengo tristeza, me acuerdo de ti;
Si tengo alegria, me acuerdo de ti;
Si miro otros ojos, si beso otras bocas;
Si aspiro un perfume, me acuerdo de ti;

II

Te llevo muy dentro, muy dentro de mi,
Te llevo en el alma, muy dentro de mí.
De noche y de día, como melodia,
Te llevo en el alma, me acuerdo de tí...

III

Nunca pensé que me formaras esta ob-
[sesión
Nunca pensé que me robaras el corazón,
Por eso, mi vida, me acuerdo de tí.
De cerca, de lejos, me acuerdo de tí.
De noche y de dia, como melodia,
Te llevo en el alma, me acuerdo de tí...

SOY COMO SOY

De René Touzet. — Gravação de Gregorio Barrios

Soy como soy
Y no como tu quieras
Que culpa tengo yo de ser así
Si vas a quererme
Quiere-me
Pero no intentes hacer-me
Como te venga bien a tí
No trates de amargar mi vida
Yo a ti te quiero
Lo juro por tí
Soy como soy
Y no como tu quieras
Que culpa tengo yo de ser asi.

★

NÃO DIREI A NINGUÉM

Samba-Canção de Polera e David Násser

Eu não direi
A ninguém
Que te quero muito,
Que te quero muito bem.

Faça de conta que tudo
Não passou de um brinquedo.
E que entre nós dois
Nunca existiu um segrêdo.
Faça de conta que tudo
Foi sonho, simplesmente.
Porém aqui entre nós
Faça de conta, sòmente.

★

ÊLE JÁ VOLTOU

Samba de Fernando Lôbo e Nestor de Holanda. Gravação de Neusa Maria

Tenho a tristeza em mim,
que fazer?
Todo amor acaba assim,
cabe-me sofrer...
Custa acreditar,
Tudo acabou...
Só me resta recordar
o que passou!

II

Deus,
que conhece tudo,
não há de ficar mudo...
certamente há de ter compaixão
da tristeza do meu coração.
Deus,
que é tão clemente,
Deus,
que é onipotente,
— Faça que ela sofra também como eu
[sofri.
Naquele amor
que construí
e que perdi...

A PEDIDOS

CABELOS BRANCOS

Samba-Canção de Herivelto — Gravação de Alcides Gerardi

I

Não falem dessa mulher
Perto de mim
Não falem pra não lembrar
Minha dor
Já fui moço, já gozei a mocidade
Se me lembro dela
Me dá saudade
Por ela vivo aos trancos e bar-
[rancos
Respeite ao menos meus cabelos
[brancos.

II

Ninguém viveu a vida que eu vivi
Ninguém sofreu na vida o que eu
[sofri
As lágrimas sentidas, os meus sor-
[risos francos
Refletem-se hoje em dia
Nos meus cabelos brancos
Agora em homenagem ao meu fim
Não falem dessa mulher per'o de
[mim.

O CARTAZ DO MOMENTO



Luís Gonzaga

Estrada de Canindé

Toada-Baião de Luis Gonzaga e Humberto Teixeira. — Gravação de Luis Gonzaga

Ai, ai, que bom,
Que bom, que bom, que é
Uma estrada e uma caboca
Cum a gente andando a pé
Ai, ai, que bom,
Que bom, que bom, que é
Uma estrada e a lua branca
No Sertão de Canindé.

Artomóvel lá nem se sabe
Se é home ou se é muié
Quem é rico anda em burrico
Quem é pobre anda à pé.

Mas o pobre vê na estrada
O orvaio bejando as frô
Vê de perto o galo campina
Que quando canta muda de cô
Cai moiando os pé nos riacho
Oue água fresca nosso Senhô
Coisas que pra mode vê
O cristão tem que andá a pé.

Ai, ai, que bom,
Que bom, que bom, que é
Uma estrada e uma caboca
Cum a gente andando a pé
Ai, ai, que bom,
Que bom, que bom, que é
Uma estrada e a lua branca
No Sertão de Canindé.

CORRESPONDÊNCIA

Carmen (Pôrto Alegre — R. G. do Sul) — Providenciaremos o mais breve possível a publicação da letra do fox "Love", cantado por Lena Horne.

Odete Souza (Rio) — No próximo número publicaremos a letra que nos pede. Aguarde e escreva-nos de novo.

Alzira Santos (Bahia) — Aguarde um pouco mais e publicaremos a letra de "Cubanacan", conforme nos pediu.

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK





BARBARA HALE

TÃO engraçadinha, senhoras e senhores, tão «baby face», a espôsa de Bill Williams, mais conhecida pelos fãs como Barbara Hale» é natural de De k..., Illinois, Estados Unidos da América do Norte; nasceu a 18 de abril de 1922. Portanto, ainda não é balzaqueana, mas já está chegando por ali... Freqüentou a Academia de Belas Artes de Chicago, ganhou um concurso de beleza, (mas será possível?) e foi parar no teatro. Andou representando papéis de somenos importância até que a atração de Hollywood venceu. No cinema começou o destacar-se em 1943 e nestes oito anos trabalhou em produções dos estúdios mais importantes como a Fox, a RKO Radio, a Columbia... Entre os seus filmes mais apreciados lembramos «A Lua ao seu alcance», «A Bela do Yukon», «A Oeste de Pecos», «A Dama da Sorte», alguns dramas da série policial do Falcão (O Falcão ali, o Falcão acolá, o Falcão fazendo isso e aquilo, brigando com uns e outros, etc.) e finalmente as suas duas aparições mais recentes: «Trovador Inolvidável», onde fazia uma das espôsas do falecido e saudoso Jolson, e «Radiomania», onde interpreta a mulher de James Stewart, espécie de Romário ianque...

MARIA FRAU

«De Pecadora a Santa», ou a vida de Santa Margarida de Cortona é o primeiro filme de Maria Frau, um brotinho, uma garota jovem, bonita e talentosa que vai fazer um sucesso louco, após o lançamento do drama, aqui no Brasil. Maria Frau, que é natural da ilha da Sardenha, foi descoberta pelo diretor Mario Bonnard especialmente para interpretar Santa Margarida no cinema. Nunca representara antes. Mas para surprêsa e satisfação geral, colocou tôda a sua alma, tôda a sinceridade, no seu trabalho e com uma habilidade rara, conseguiu superar as expectativas do próprio descobridor. Em «De pecadora a Santa» ela tem como co-stars Isa Pola, Mario Fisu, Tino Buazzelli e outros famosos astros italianos. A produção Scalera será distribuída pela Art-Films. E Maria Frau vai constituir a maior agradável surprêsa da temporada! Escrevam o que lhes digo, senhores fãs: vocês vão adorar Maria Frau, tanto quanto adoram a Katherine Hepburn, Cathy O'Donnel ou Janet Leigh, por exemplo.



ROBERT NEWTON

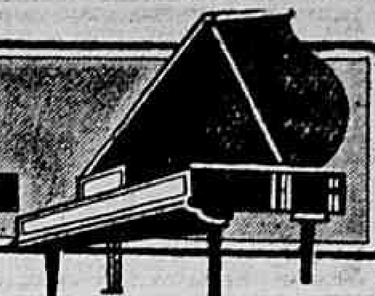
ROBERT Newton nasceu em Shaftesbury, Dorset, Inglaterra, a 1 de junho de 1905. Antes de começar a trabalhar, como ator, no teatro, o que ocorreu em 1920, êle serviu como cenógrafo e contra-regra em várias troupes. Representou, de 1920 até hoje, inúmeras peças de sucesso, sobretudo do teatro moderno. Em 1937, sempre na Grã-Bretanha, foi atraído pelo cinema e desde então é um dos atores mais considerados do mundo. Suas atuações mais significativas foram em «Fogo sôbre a Inglaterra», «A Estalagem Maldita», «Major Barbara», «O Castelo do Homem sem Alma», «Henrique V'', «O Condenado», «Amei um assassino», «Mórbido Despeito» e, finalmente, «A Ilha do Tesouro», a recente versão da RKO Radio-Walt Disney da famosa história de Robert Louis Stevenson que a «Metro realizara, em 1935, com o saudoso Wallace Beery. Robert Newton já possui, agora, um público internacional vastíssimo, que o aplaude com irresistível entusiasmo. E', de fato, excelente ator com um defeito, apenas: a mania de exagerar...



ALDO FABRIZI

INOBJETAVEL, irrecusàvelmente: Aldo Fabrizi é o maior ator vivo do cinema italiano. Com apenas nove anos de atividades diante das câmeras, aí está. Fabrizi, que é natural de Roma, Itália, nasceu aí por volta do princípio dêste século XX. Antes de ser ator de cinema, foi comediante em circos e teatros de variedades. Afinal, em 1942, começou fazendo umas comèdiazinhas fracotas para os estúdios romanos. No após-guerra é que teve oportunidade, graças a diretores como Rossellini, Renato Castellani e Alberto Lattuada, que o colocaram em produções realmente dignas, sérias. A filmografia de Fabrizi é a seguinte: 1942 — «Na frente há lugares»; 1943 — «A última carrozzella» e «Cada qual com seu destino»; 1945 — «Roma, cidade aberta»; 1946 — «Meu filho, professor» e «Viver em Paz»; 1947 — «Delito» e «Perdidas»; 1948 — «Emigrantes» (que êle próprio realizou na Argentina); 1949 — «Santo Antônio de Pádua» (inédito no Rio de Janeiro, distribuído pela Art-Films); 1951 — «Filhas do Desejo» e «Largo Signoria», ambos distribuídos pela Art.

MÚSICA



OSWALDO DA CUNHA

O RECITAL ROMÂNTICO DE BACKHAUS

DEPOIS de sua magnífica «performance» em seu primeiro concêrto, Wilhelm Backhaus, voltou a apresentar-se novamente no Teatro Municipal, na noite de 14 do corrente, dando prosseguimento à série de recitais da A.B.C. na temporada de 51. Mais uma vez Backhaus voltou a confirmar o que dêle dissemos da primeira vez, patenteando definitivamente incontestável superioridade como profundo conhecedor dos complexos segredos do piano. O recital formado todo êle de obras de compositores românticos, apresentou a «Fantasia op. 17 de Schubert», da «Grande Fantasia de Schuman», a «Berceuse, Estudos» e a «Balada emb sol» de Chopin», constituindo um verdadeiro festival artístico. Expor com tamanha profundeza humana, obras de tão transcendental importância como estas é algo de quase sobrenatural e que no momento, cremos, só é dado a Backhaus realizar, pois que êste grande artista conseguiu alcançar o impossível — a perfeição. Não seria necessário analizar mais detalhadamente a sua magnífica atuação, pois nos faltariam por certos adjetivos para fazê-lo, tal o lirismo, e a grandeza comunicativa de sua arte. O piano encontrou finalmente em Backhaus o seu intérprete ideal.

NOTICIÁRIO

★ ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA — A Academia Brasileira de Música em cumprimento do seu programa de estímulo aos compositores brasileiros, aceitou com grande prazer, a generosa oferta feita pelo eminente pianista Miécio Korzswski, por ocasião da sua última visita ao Brasil de um prêmio destinado a um concurso para uma sonatina de piano, a ser regulado por aquela instituição. As condições estabelecidas pela Academia são estas: a) — Composição de uma sonatina para piano, sem especificação de tendência estética, número de movimentos, nem de dimensões; b) — Os originais deverão ser claramente legíveis, assinados com pseudônimo e acompanhados de envelope fechado (com o pseudônimo indicado sôbre o mesmo), contendo o nome real e o endereço da residência do concorrente; c) — Os originais deverão ser enviados, sob registro postal e até 30 de novembro (à Avenida Pasteur 350, 3º andar, a/c. do C.N.C.O. — Urca — Rio de Janeiro) e dirigido ao presidente da Academia (maestro Villa-Lobos), ou ali entregue contra competente recibo dêste ou da Secretaria; d) — O original premiado passará a ser propriedade da Academia, ressalvados os direitos autorais; e) — O julgamento será feito por uma comissão de acadêmicos-compositores, designados pelo presidente da Academia; f) — Com exceção dos membros da Academia Brasileira de Música, poderão concorrer os compositores brasileiros, residentes no Brasil ou no estrangeiro, e os estrangeiros com residência no Brasil; g) — O prêmio é de Cr$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros) entregues em sessão pública da Academia, e será individual, podendo não ser concedido no caso de nenhum dos originais receber a justa aprovação; h) — Será parte integrante dessa premiação, a edição da obra premiada a ser efetuada pela grande editôra «Ricordi Brasileira», conforme a oferta da respectiva direção, bem como a primeira execução pública da mesma obra pelo insigne doador do prêmio em oportunidade a ser fixada pelo mesmo, no Brasil ou no estrangeiro.



MOIRA SHEARER, a notável bailarina inglêsa, aparece aqui com a sua exótica caracterização para o bailado «A dança da Libelula Assassina», número êste que executa no filme «Os contos de Hoffmann», inspirado na célebre obra de Hoffenbach.

PRÊMIO LORENZO FERNANDEZ DE 1951

O programa «Artistas Novos do Brasil», da Rádio Globo, vai realizar mais um concurso para cantores, em homenagem ao compositor Lorenzo Fernandez. Podem concorrer ao «Prêmio Lorenzo Fernandez de 1951» cantores de ambos os sexos, sem limite de idade, diplomados ou não, pertencentes a escolas oficiais ou cursos particulares. O concurso será dividido em duas partes: a) o candidato cantará, à escolha uma peça do compositor Lorenzo Fernandez ou de qualquer outro autor nacional ou estrangeiro, estando o julgamento a cargo do soprano Edyr de Fabris; b) o candidato aprovado na prova anterior cantará uma peça de Lorenzo Fernandez, obrigatòriamente. A comissão julgadora, composta de três membros, fará o julgamento fora da estação, pela irradiação externa, concedendo a classificação em pontos, de 1 a 10. O candidato que obtiver maior número de pontos será proclamado vencedor, recebendo Cr$ 1.000,00. Haverá outro prêmio em dinheiro para o segundo colocado. Não serão aceitas inscrições de alunos dos membros da comissão julgadora. As inscrições ao «Prêmio Lorenzo Fernandez de 1951» estão abertas, até o dia 31 do corrente, nos escritórios da Rádio Globo, à avenida Rio Branco, 183, 3º andar. A comissão julgadora das provas finais será constituida do soprano Edyr de Fabris, maestro José Tôrres e professôra Matilde de Andrade Bailly. Na direção técnica do concurso está a professôra Magdala da Gama Oliveira.

Pausa para meditação



JEAN RUTH — (Paramount)

A OPINIÃO ALHEIA

DAR A CESAR

«O mais grave, porém, é que os freqüentadores de cinema nunca viram produção alguma da Agência Nacional, a não ser «por favor» no Cinema Capitólio, considerado cinema de 2ª classe. O serviço cinematográfico da Agência Nacional foi criado apenas para o serviço da Presidência e não para concorrer com os demais produtores e é o próprio Presidente da República que afirma a necessidade de auxiliar o Cinema Nacional. Pondo de lado essas considerações, ainda temos a registrar a determinação de fazer figurar na tela apenas as cenas que o dirigente do Departamento Cinematográfico julgar conveniente. Por que? Onde está a liberdade de qualquer produtor filmar o que lhe interessa? Assim, em qualquer festividade anunciada, excursão ou comemoração surge logo a Agência Nacional, propondo-se fazer o serviço pelo preço «x». Fazer não é nada, mas, onde exibir? E' um verdadeiro indíbrio do govêrno e repartições autárquicas, e, o que é mais grave, arrancando o pão de numerosos operadores, técnicos e pessoal de laboratório».

«Vanguarda»

TERRA DA PROMISSÃO

«Não se deve repudiar o elemento estrangeiro; isso não, porque precisamos dêles, e muito, aliás, não será exagêro afirmar que são imprescindíveis, o que não se deve fazer é abrir nossas portas indistintamente para que, fazendo da nossa arte um campo experimental, e de lucro fácil, apliquem-se as penas da sua ignorância chegando a cúmulos, como o falseamento leviano de páginas célebres da nossa literatura, literatura que não conseguiram assimilar, apresentando lamentáveis borrões cinematográficos e enxovalhando uma memória que nos é grata. Êste indébito assalto à nossa praça é o principal responsável por êste outro grande pengo — a proliferação de produtoras, que está atingindo a um nível assustador».

Amaury de Souza Melo («A Tribuna»)

ORDEM E PROGRESSO

«O cinema brasileiro tem uma determinada proporção. Como obra decorrente de um passado, de um desenvolvimento gradativo, está, no momento, atingindo a etapa do salto para a qualidade, Daí, a agitação que cerca o ambiente, os debates, os planos. Se, até então, não fôra possível ao nosso cinema, atingir um nível mais alto, isto se deve principalmente à falta de organização. Agora, que as organizações começam a se firmar, os homens que há anos vêm fazendo filmes, regulares alguns, péssimos outros, continuam na tarefa de unir imagem com imagem, para um público que exige cada vez mais os filmes da própria terra».

Antônio Olinto («Jornal dos Sports»)

INCÓGNITA

«O cinema nacional é um gozo. As fitas são rodadas debaixo do mais absoluto sigilo. Tudo muito secreto como a construção da bomba atômica. Ninguém viu nada, ninguém sabe de nada e de repente a bomba explode nas nossas telas. E tudo realizado a frio. A fita surge inesperadamente, sem propaganda alguma, sem preparação do espírito do espectador. Assim se faz cinema entre nós. E vamos acreditar nos bons propósitos dêsses misteriosos cavalheiros.»

Van Jafa («Carioca»)

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

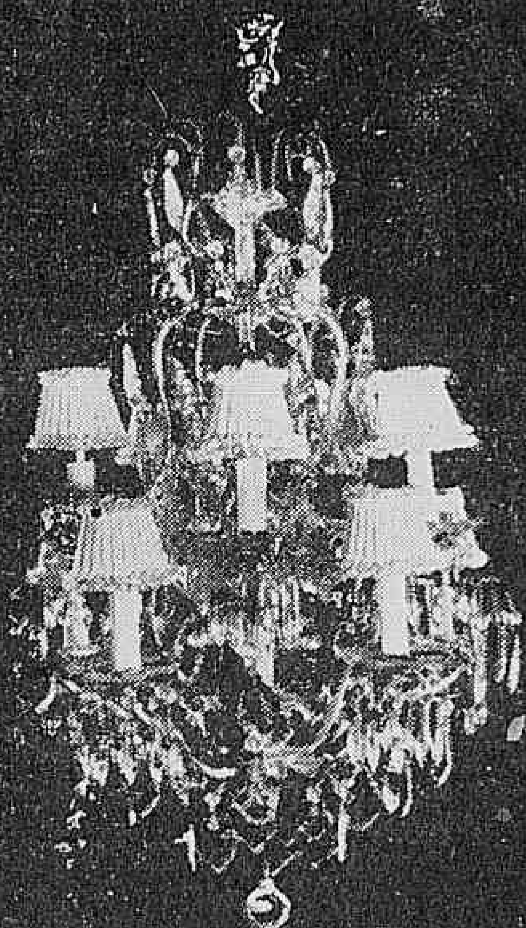
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

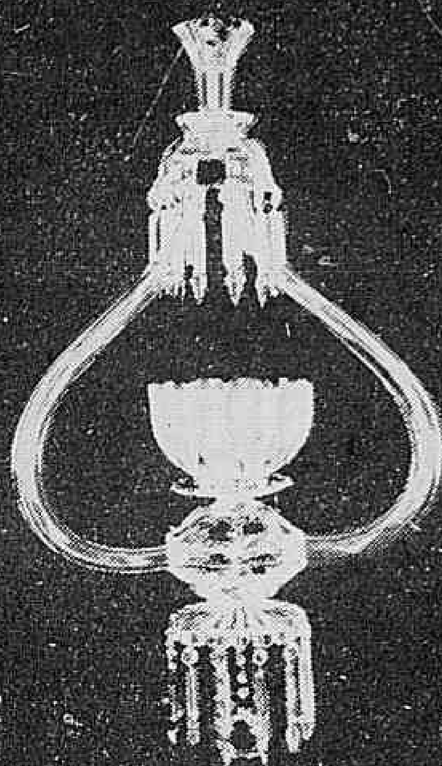
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

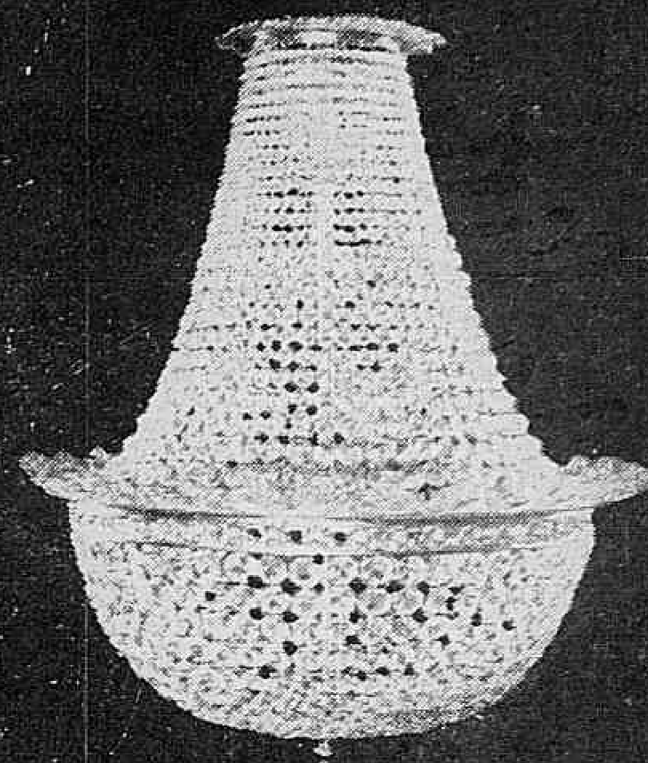
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428



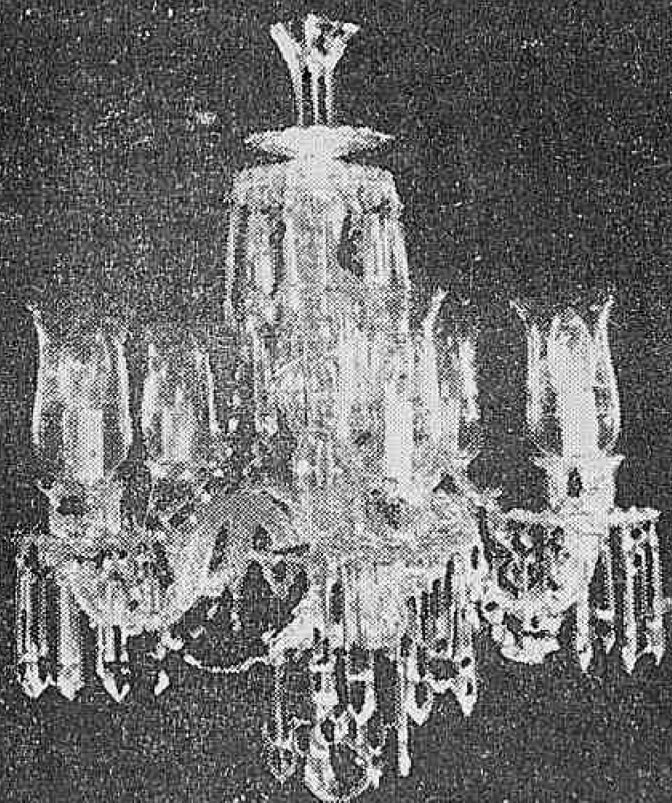
1



2



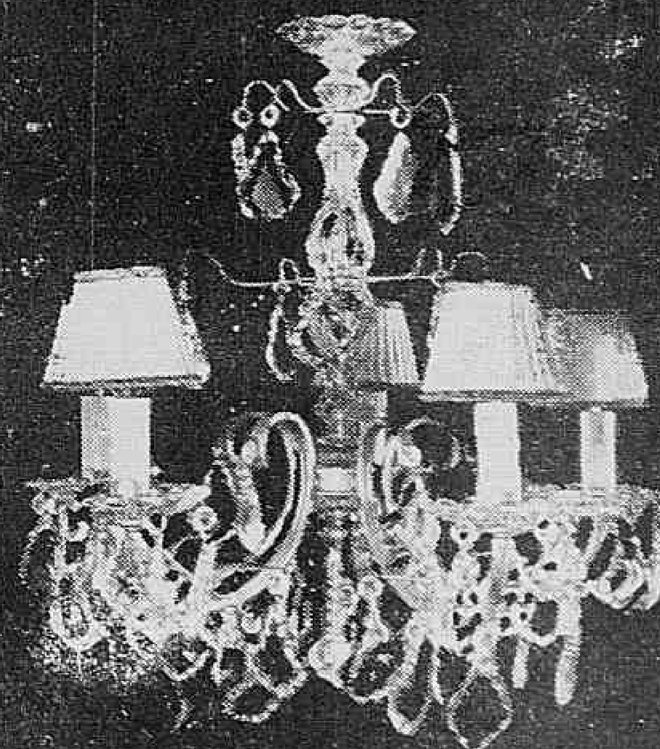
3



4



5



6

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTEIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

Conserve a sua péle limpa e macia...



SARDAS,
ESPINHAS
E
MANCHAS



Pomada
SÃO SEBASTIÃO